



**INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS  
CAMPUS MANAUS CENTRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**ADRIANO BRITO FEITOZA**

**IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES DE LIBRAS  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO (EPTNM)**

**Manaus/AM**

**ADRIANO BRITO FEITOZA**

**IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES DE LIBRAS  
NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO (EPTNM)**

Dissertação a ser apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Manaus Centro do Instituto Federal do Amazonas, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Dra. Maria Francisca Morais de Lima

Manaus/AM

ADRIANO BRITO FEITOZA

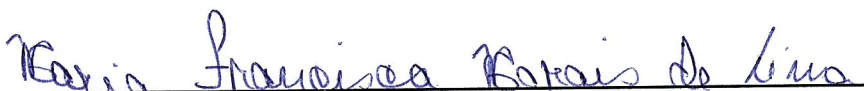
IMPLICAÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES DE  
LIBRAS NA EPTNM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima.


Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 15 de abril de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima - Orientadora  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
PROFEPT-IFAM



Prof. Dr. José Cavalcante Lacerda Júnior - Membro Interno  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
ProfEPT/IFAM



Prof. Dr. Iranvith Cavalcante Scantbeluy - Membro Externo  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

**Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro**

---

F311i Feitoza, Adriano Brito.

Implicações da relação entre docentes e intérpretes de libras na educação profissional técnica de nível médio (EPTNM) / Adriano Brito Feitoza. – Manaus, 2024.

119 p. : il. color.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Interprete - Libras. 3. EPTNM. I. Lima, Maria Francisca Morais de. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 378.013

ADRIANO BRITO FEITOZA

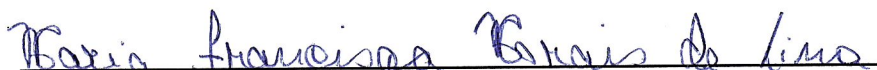
PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES EDUCACIONAIS.


Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima.


Linha de Pesquisa: Praticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 15 de abril de 2024.

### COMISSÃO EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima - Orientadora  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
PROFEPT-IFAM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Cavalcante Lacerda Júnior - Membro Interno  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
ProfEPT/IFAM

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Iranvith Cavalcante Scantbeluy - Membro Externo  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

---

**Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro**

---

F311r Feitoza, Adriano Brito.

Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais: orientações para intérprete = Recommendations for educational practices among teachers and educational interpreters: guidelines for the interpreter / Adriano Brito Feitoza, Maria Francisca Morais de Lima. – Manaus, 2024.  
57 p. : il. color.

Produto educacional oriundo da dissertação: Implicações da relação entre docentes e intérpretes de libras na educação profissional técnica de nível médio (EPTNM (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica)). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2024.  
ISBN 978-65-85652-63-6

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Intérprete - Libras. 3. EPTNM. I. Lima, Maria Francisca Morais de. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 378.013

---

*Dedico esta pesquisa a todos os atores educacionais, em especial àqueles que lidam com alunos surdos, especialmente aos docentes e intérpretes de Libras.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente ao meu Grandioso Deus Jeová por me dar como dádivas a vida, sabedoria e discernimento, qualidades estas imprescindíveis para a execução de qualquer labor, tal qual a presente pesquisa.

Grato à minha amada companheira, esposa e amiga, Elaine Feitoza, pelo amparo em vários momentos e de diversas formas, seu incentivo foi muito importante.

Aos meus demais familiares que sempre foram um suporte em todos os momentos.

À maravilhosa equipe de intérpretes da qual faço parte, a Coordenação de Tradução (CTRAD) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pelo apoio que recebi para realizar minha travessia no Mestrado.

À minha querida orientadora e parceira deste processo, a professora Dra. Maria Francisca Morais de Lima, por aceitar dançar esta música comigo.



*Na Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio (EPTNM) há muitos atores, logo muitas parcerias e relações são formadas as quais precisam, assim como o Rio Negro e Rio Solimões, andar lado a lado para que os alunos possam fazer sua travessia nesse nível de ensino, alcançando assim seus objetivos. Da mesma forma docentes e intérpretes de Libras quando bem sintonizados viabilizam a travessia dos alunos surdos no processo educacional.*

Adriano Brito Feitoza, 2022

## RESUMO

O docente e o tradutor intérprete de Libras devem ser conscientes de seus papéis para a inclusão de alunos surdos por lançar mão de práticas educativas. Dessa forma, a relação entre docente e tradutor intérprete de Libras trará implicações positivas que favorecem o aluno surdo em sala de aula. E como consequência permite que os alunos surdos realizem sua travessia em sua trajetória de aprendizagem que ocorre na Educação Profissional Tecnológica de Nível Médio (EPTNM) rumo a um ensino Politécnico, uma das bases conceituais da EPTNM. O objetivo geral consiste em sintetizar que práticas educativas podem ser implementadas na relação entre docente e intérprete de Libras em sala de aula. Os instrumentos de coleta de dados correspondem a entrevistas e questionários direcionados aos objetos de pesquisa. Em seguida, utilizou-se a ATD (Análise Textual Discursiva) como metodologia para levantar os dados. Os resultados se traduzem em práticas educativas que correspondem às expertises desenvolvidas por docentes e intérpretes de Libras que favoreçam a atuação desses profissionais para a inclusão de alunos surdos em sala de aula. Como devolutiva desta pesquisa conforme concatenada aos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) foi elaborado um Produto Educacional (PE) com recomendações de práticas educativas ao docente e ao tradutor intérprete de Libras.

**Palavras-chave:** Intérprete Educacional de Libras; Docente; Relação Profissional; EPTNM.

## ABSTRACT

The teacher and the Libras interpreter translator must be aware of their roles in the inclusion of deaf students by using educational practices. In this way, the relationship between teacher and Libras interpreter translator will bring positive implications that benefit deaf students in the classroom. And as a consequence, it allows deaf students to cross their learning trajectory that occurs in Secondary Technological Professional Education (EPTNM) towards Polytechnic education, one of the conceptual bases of EPTNM. The general objective is to summarize which educational practices can be implemented in the relationship between teacher and Libras interpreter in the classroom. The data collection instruments correspond to interviews and questionnaires aimed at the research objects, then ATD (Discursive Textual Analysis) was used as a methodology to collect the data. The results translate into educational practices that correspond to expertise developed by Libras teachers and interpreters that favor the work of these professionals to include deaf students in the classroom. As feedback from this research as linked to the objectives of PROFEPT (Postgraduate Program in Professional and Technological Education), an Educational Product (EP) was prepared with recommendations for educational practices for teachers and translators who interpret Libras.

**Keywords:** Libras Educational Interpreter; Teacher; Professional Relationship; EPTNM.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rio Negro e Rio Solimões lado a lado	30
Figura 2 - A competência tradutória de acordo com o modelo PACTE (2003)	50
Figura 3 - Captura da série de vídeos destinados aos docentes	89
Figura 4 - PE para IE's	91

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Documentos norteadores quanto ao trabalho em equipe e revezamento dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP)	29
Quadro 2 - Caracterização da pesquisa com base nos critérios ProfEPT	34
Quadro 3 - Detalhamento da base de dados escolhida e o período da pesquisa.	40
Quadro 4 - Detalhamento dos fatores de inclusão e exclusão.	40
Quadro 5 - Dados encontrados	41
Quadro 6 - Dados encontrados após exclusão	41
Quadro 7 - Detalhamento dos cenários encontrados	42
Quadro 8 - Detalhamento dos dois únicos dados que atendem aos requisitos dos itens (e) até o (i)	42
Quadro 9 - Aspectos das língua de sinais e línguas orais	44
Quadro 10 - Descrição dos sujeitos da pesquisa	58
Quadro 11 - Visão geral do PE destinado aos intérpretes de libras	66
Quadro 12 - Visão geral do PE destinado aos docentes.	66
Quadro 13 - Organização das categorias e subcategorias	69
Quadro 14 - Roteiro de vídeos do PE	89
Quadro 15 - Sumário do PE para IE's	91

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD - Análise Textual Discursiva.

APCN - Aplicativo para Propostas de Cursos Novos.

APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência do Brasil.

ASL - Língua de Sinais Americana.

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CMC - Campus Manaus Centro.

CTRAD - Coordenação de tradução.

EMI - Ensino Médio Integrado.

EPT - Educação Profissional e Tecnológica.

FEBRAPILS - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais.

IE - Intérprete Educacional.

IFAM - Instituto Federal do Amazonas.

LER - Lesão por Esforço Eepetitivo.

LGP - Língua Gestual Portuguesa.

Libras - Língua Brasileira de Sinais.

LP – Língua Portuguesa

LSV - Língua de Sinais Venezuelana.

MEC - Ministério da Educação.

*PACTE* - Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación

ProfEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica.

PE – Produto Educacional

*Scielo* - *Scientific Electronic Library Online*

TCLE – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

TILSP - Tradutor e Intérprete de Libras e Língua Portuguesa.

UFAM - Universidade Federal do Amazonas.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>27</b>
1.1 Motivação para a pesquisa .....	27
1.2 O Encontro das águas .....	30
1.3 Contextualização .....	33
1.4 Objetivos .....	36
1.4.1 Geral.....	36
1.4.2 Específicos .....	36
1.5 Justificativa.....	36
<b>2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	<b>39</b>
2.1 Revisão Sistemática.....	39
2.2 Aspectos da língua brasileira de sinais e dos sujeitos surdos.....	43
2.3 Cenário e participantes da pesquisa .....	45
2.3.1 Cenário.....	45
2.3.2 O Docente da EPTNM.....	46
2.3.3 O Intérprete Educacional.....	46
2.3.4 Competências do Intérprete de Libras .....	47
2.3.5 A relação entre o docente e o IE com a Politecnia.....	52
2.4 Metodologia .....	55
2.4.1 Abordagem da Pesquisa .....	55
2.4.2 Tipo de Pesquisa.....	56
2.4.3 Campo de pesquisa .....	56
2.4.4 Participantes investigados.....	57
2.4.5 Instrumento de coleta de dados .....	58
2.4.6 Instrumento de análise de dados .....	60
<b>3 PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>63</b>
3.1 Roteiro para a produção da cartilha destinada ao intérprete de Libras.....	64
3.2 Roteiro para produção da série de vídeos destinada ao docente .....	65
3.3 Finalidade.....	67
3.4 <i>Locus</i> de aplicação .....	68
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS</b> .....	<b>69</b>
4.1 Caminho da Análise Textual Discursiva (ATD).....	69
<b>5 O PRODUTO EDUCACIONAL - RECOMENDAÇÕES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES DE LIBRAS</b> .....	<b>89</b>

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE).....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE .....</b>	<b>113</b>



## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 Motivação para a pesquisa**

Todos os profissionais se deparam com dificuldades que nos impulsionam a vencê-las. Como intérprete educacional notei que um dos maiores obstáculos que por sinal costuma ser recorrente é o desconhecimento por parte do docente sobre os sujeitos surdos, sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e por conseguinte o Intérprete Educacional (IE).

Muitas das vezes mesmo o docente sendo avisado que receberá um IE ao seu lado sempre acontecia após as aulas dele perguntar o motivo da minha presença em sala de aula como IE apesar de claramente haver alunos surdos na turma. Também incompreensões sobre minha função se eu era uma espécie de professor auxiliar de suporte para as aulas, professor do aluno surdo entre outras coisas.

Esses empecilhos reverberavam ao longo de todo o semestre de atuação universitária. Dificuldades como: recebimento de materiais para a minha preparação prévia, o não repasse de subsídios que respeitassem as especificidades dos alunos surdos, ou quando ocorria o repasse, o material era surpresa, o que dificultava meu trabalho como tradutor e minha performance em sala de aula e consequentemente impactava negativamente na aprendizagem do aluno surdo.

Isso me levou a uma profunda reflexão nos motivos dessa falta de empatia pelas especificidades do Intérprete Educacional. Ficou marcado em mim a necessidade de sempre que possível esclarecer usando as ferramentas possíveis aos docentes quanto a necessidade de que assim como eles trabalham com prévias por elaborar ementa, plano de aula, preparação de suas aulas, da mesma forma o IE precisa ter esse contato prévio para realizar suas pesquisas terminológicas, dirimir dúvidas tradutórias e além disso desenvolver uma relação com o docente que fomente e estimule o trabalho de ambos por meio de uma parceria que propicie isso. Não basta apenas o IE ou somente o docente, mas os dois profissionais precisam ter essa consciência.

Passei a carregar essa inquietude comigo por atuar em algumas instituições privadas de ensino nesse contexto conflituoso com os docentes.

Em relação a instituições públicas, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2015 passou a contar com seis docentes surdos e um número significativo de discentes surdos, além de um grande espectro de pessoas que não sabem Libras

mas que precisam se comunicar com a comunidade surda situada da Ufam. Para atender tal demanda oriunda da comunidade surda em 2017 foi criada a Coordenação de tradução (CTRAD). Em 2017 fui aprovado em concurso público para a carreira de intérprete de Libras e passei a atuar na CTRAD.

Assim sendo, passamos a atuar nos diversos contextos da universidade, a saber, atuação em sala de aula tanto de graduação quanto pós-graduação, eventos de solenidades em geral, refeições de grau, atuação nas diversas reuniões tanto conselhos universitários quanto colegiados de curso bem como atuação em seminários, congressos e eventos semelhantes. Também há atendimento em acompanhamento de setores quando um surdo seja aluno ou docente precisa realizar algum atendimento e no geral os atendentes desconhecem a Libras. Mediante a prática que a CTRAD realiza nos diversos contextos universitários supracitados foi desenvolvida toda uma expertise de trabalho em equipe, essa configuração existe para que haja um revezamento de intérpretes. Em sala de aula pelo menos dois IE atuam juntos, dentre os benefícios que isso causa para o intérprete podemos citar que evita que seja acometido por Lesão por Esforço Repetitivo (LER), tendinite, bursite, entre outras lesões semelhantes. Também evita que o IE tenha desgaste físico e mental e exaustão, por sua vez atenua a ocorrência de erros e omissões na interpretação causadas por fadiga ou confusão mental.

O benefício do trabalho em equipe para os surdos que recebem o serviço está em receber serviços de interpretação com qualidade adequada, pois quando o IE fica cansado, a qualidade muda e a atenção ao que está sendo dito também. Quando falamos em equipe de IE significa no mínimo a presença de uma dupla no contexto de sala de aula. Abaixo, no Quadro 1, os documentos que apontam para a necessidade do revezamento e trabalho em equipe dos IE.

Quadro 1 - Documentos norteadores quanto ao trabalho em equipe e revezamento dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP)

Guia de Contratação de Serviços TILSP - FEBRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais).
Código de ética - FEBRAPILS que recomenda a aplicação da Tabela de referência de honorários.
Tabela de referência de honorários - FEBRAPILS recomenda o trabalho em revezamento (no mínimo em dupla) a partir de uma hora.
Guia de boas práticas da APIC (Associação Profissional de Intérpretes de Conferência).

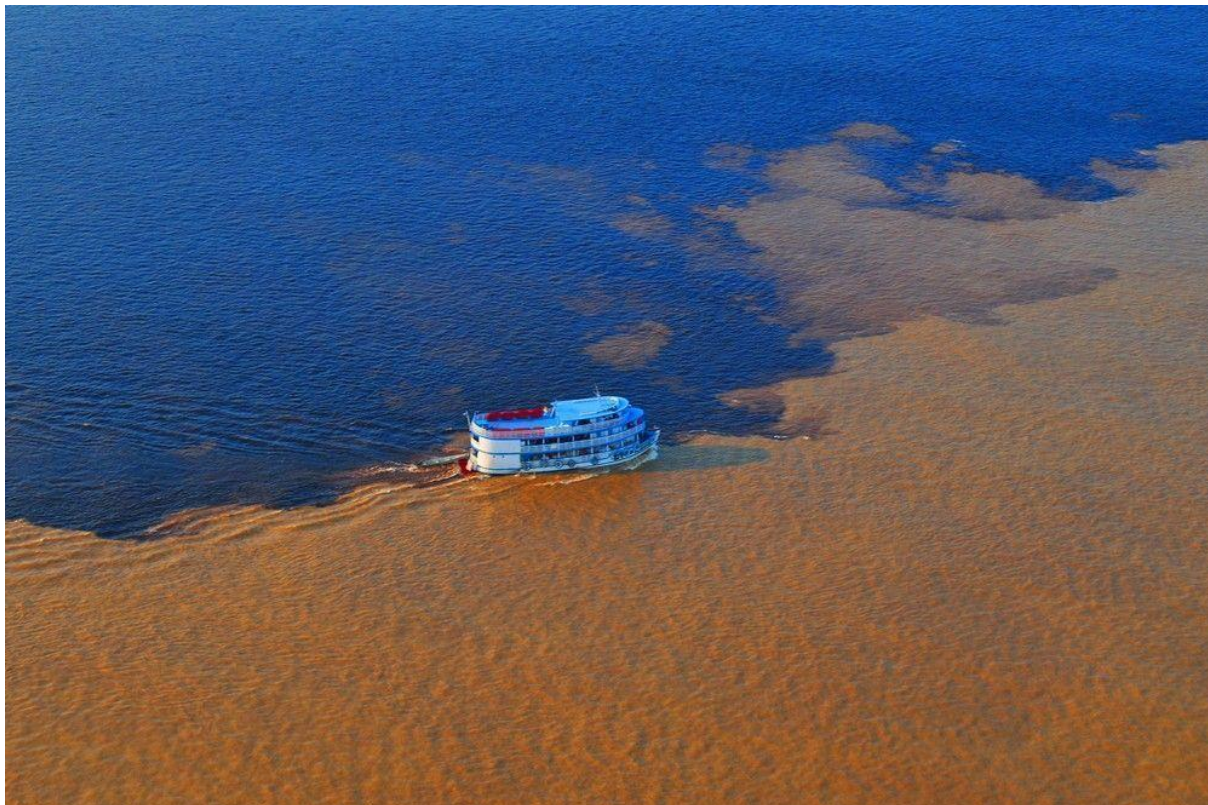
Fonte: Bueno (2017).

A inquietação trazida comigo na questão do desconhecimento por parte dos professores em relação aos intérpretes de Libras e a expertise desenvolvida pelo trabalho em equipe na CTRAD foram os motivadores para o desenvolvimento desta pesquisa. Enquanto pesquisador e profissional da área, constitui uma grande dificuldade na minha atuação o desconhecimento dos IE por parte dos docentes além claro do desconhecimento destes sobre as especificidades dos alunos surdos. Como consequência pela falta de uma boa relação por meio de práticas educativas adequadas, o docente repassa as aulas acreditando que o intérprete entende de tudo o tempo todo e está passando adequadamente as informações para o aluno surdo.

Acredita-se que essa mesma dificuldade também possa ocorrer com os IE do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Tal pesquisa (aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 71754723.5.0000.8119) pretende produzir um Produto Educacional (PE) com proposições de práticas educativas que possam contribuir tanto para os docentes quanto para os IE. A falta dessa sintonia entre docentes e IE em sala de aula faz com que os alunos surdos não consigam realizar sua travessia nesse nível de ensino por meio de uma educação acessível e politécnica.

## 1.2 O Encontro das águas

Figura 1 - Rio Negro e Rio Solimões lado a lado



Fonte: Portal Amazônia.

A priori as águas do Rio Negro e Solimões não se misturam pois fluem lado a lado em suas diferenças marcadas pelas especificidades de cada rio. Após determinada extensão, as águas se misturam formando o magnífico e imponente Rio Amazonas e conseqüentemente permite a travessia de barcos em sua extensão. Semelhante a este espetáculo inicialmente há um marcado embate entre o docente e o intérprete de Libras em sala de aula pois cada um é consciente de suas responsabilidades e após determinado momento as diferenças se diluem e esses atores educacionais se complementam em um processo único que é o educativo. Isso mostra que quando esses atores compreendem a importância do seu trabalho e como ele impacta o do outro, favorece o processo de ensino e aprendizagem e conseqüentemente favorece a travessia do aluno surdo. Nesse sentido, essa metáfora corrobora com o conceito de polifonia proposto por Bakhtin (2015), que afirma representar a multiplicidade de vozes presentes em um texto literário e por extensão nessa pesquisa na relação dialógica entre docente e intérprete de Libras, pois as

várias vozes se entrelaçam harmoniosamente. Bakhtin propõe que diferentes perspectivas e ideologia coexistem, sem se submeterem a uma voz única e dominante, mas que dialogam, o que favorece o aluno surdo em sala de aula. Assim sendo a polifonia bakhtiniana celebra a diversidade e o diálogo entre diferentes consciências e tal visão favorece a relação entre docente e intérprete de Libras em sala de aula.

Esse ensaio poético tacitamente nos ensina que parcerias conduzem a outras a fim de alcançarem suas metas, mas para isso, faz-se necessário que os atores envolvidos estejam bem afinados e conheçam bem suas responsabilidades. Da mesma forma, na Educação Profissional e Tecnológica de Nível de Nível Médio (EPTNM) há muitos atores, logo muitas parcerias e relações são formadas as quais precisam, assim como o Rio Negro e Rio Solimões, andar lado a lado para que os alunos possam fazer sua travessia nesse nível de ensino, alcançando assim seus objetivos.

Vale ressaltar que, para que o discente alcance seus objetivos, que é a formação humana integral, uma das preocupações e base dessa pesquisa é a relação docente com o intérprete de Libras, uma vez que um dos pressupostos basilares dos Institutos é a inclusão. O docente de Educação Profissional Tecnológica (EPT), assim como um quantitativo expressivo de docentes na esfera pública e privada não têm o domínio de Libras, atividade pedagógica indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos surdos. Nesse sentido, faz-se necessário que a relação docente/intérprete de Libras ocorra de forma harmônica, cada lado deve ter plena consciência das suas responsabilidades e atuação, essa sintonia garante aos alunos surdos do EPTNM, uma educação acessível e politécnica.

No Brasil, a educação inclusiva que permitiu o acesso de alunos surdos ao ensino médio teve início com a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que oficializou a Libras, como a língua oficial da comunidade surda situada no Brasil. Anos depois, o Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 trouxe desdobramentos necessários para que os surdos pudessem usufruir de todos os direitos oriundos dessa oficialização linguística.

O Decreto em seu Art. 22 enfatiza que as instituições em geral, destas incluem-se as federais de ensino, responsáveis pela educação básica, devem garantir a inclusão de alunos surdos e, conseqüentemente, o Art. 23 discorre sobre a necessidade da presença de intérpretes de Libras. O artigo ainda frisa que essa

medida, dentre outras, asseguram aos alunos surdos o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Quando se trabalha o processo de inclusão, tem-se enquanto pesquisadores, o entendimento de que para uma educação integral acontecer, a presença do intérprete de Libras em sala de aula e o empenho do professor não são os únicos pontos necessários para atender a inclusão em sua totalidade.

Sobre Politecnia que é um dos alvos que a relação docente e o Tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa (TILSP) oportunizam aos alunos surdos no Ensino Profissional e Tecnológico de Nível Médio (EPTNM) esta pesquisa trará de forma breve as contribuições de Demerval Saviani (1989, 1997, 2003, 2023), e Lucília Machado (1989).

Para que o acesso à educação pelo aluno surdo no ensino médio integrado seja assegurada através da tradução pelo IE, o docente precisa compreender o perfil do profissional intérprete de Libras.. Isso inclui um constante diálogo e trocas para que o docente possa, por exemplo, fazer os ajustes necessários para que o seu ensino alcance os alunos surdos por meio da mediação com os IE. Muitos equívocos acontecem na relação docente e IE pelo desconhecimento desse profissional por parte dos docentes.

Conhecer os desdobramentos contidos nos documentos jurídicos supracitados é imprescindível para que os docentes possam compreender sua função na mediação com os alunos surdos, e para que cada ator tenha suas responsabilidades bem delimitadas e assim, por sua vez, possa garantir aos alunos surdos sua travessia rumo a uma formação politécnica.

Esta pesquisa aborda sobre o tradutor e intérprete de Libras conhecido pela sigla Tilsp. No entanto, como o estudo é focado no contexto de sala de aula, o termo adotado será Intérprete Educacional (IE).

Além disso, outro aspecto importante é que assim como a atividade de preparação precede a atividade de ensino para os docentes, ela é imprescindível para os IE. Podemos até mencionar de forma metafórica que a atuação em sala de aula junto ao docente seria apenas a ponta do iceberg, por debaixo da atuação ou seja com bastante antecedência o IE precisa ter acesso aos conteúdos que serão passados, leitura e estudos dos termos serão necessários além de um momento de pré-demanda com o docente em questão para atenuar as dúvidas terminológicas bem

como a sugestão de alguma possível adaptação para conduzir a uma melhor conexão das informações com o aspecto visual da Libras.

Os pressupostos teóricos que apontam a necessidade de desenvolvimento de competências para o desenvolvimento do IE em seu desempenho de atuação sala de aula foram elaborados pelo grupo *Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación (PACTE)* da qual dentre outros professores a professora Doutora Hurtado (2020) faz parte.

Esse prisma se conecta com Bakhtin (2006), que percebe a linguagem como uma interação entre seus falantes de uma função comunicativa e social, ou seja, o ser humano usa a linguagem para se comunicar com seus semelhantes em diversas situações de uso e com diversos objetivos. A língua é uma função social porque há um objetivo, alguma intenção, dessa forma o ser humano age no mundo e sobre o outro sujeito participante através da linguagem. Exatamente dessa forma, os IE são transpassados pela função social da dialogicidade, pois quem diz tem uma intenção sobre o outro que recebe a informação, e vice-versa.

Assim sendo, esta pesquisa pretende ter como desfecho sintetizar quais práticas educativas podem ser implementadas na articulação/relação entre docentes e intérpretes de Libras em sala de aula, que favoreçam como consequência a garantia de inclusão dos alunos surdos em sala de aula a ponto destes realizarem sua travessia no ensino médio integrado por meio de uma educação inclusiva e politécnica e o desenvolvimento de um PE que possuirá duas materialidades: uma cartilha destinada aos intérpretes de Libras, e uma série de vídeos de curta duração direcionada aos docentes, ambas com recomendações de práticas educativas, a fim de favorecer a atuação entre esses dois atores educacionais.

### **1.3 Contextualização**

O Quadro 2 apresenta a caracterização desta pesquisa no ProfEPT (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica).

Quadro 2 - Caracterização da pesquisa com base nos critérios ProfEPT

ProfEPT	
Área de concentração	Educação Profissional e Tecnológica - (EPT)
Linha de pesquisa	Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.
Macroprojeto	Macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT.

Fonte: <https://profepi.ifes.edu.br/areadeconcentracao>

## ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

### Educação Profissional e Tecnológica - (EPT)

Compreende os processos educativos em espaços formais e não formais relacionados ao mundo do trabalho e à produção de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, com vistas à integração dos campos do Trabalho, da Ciência, da Cultura e da Tecnologia. Compreende ainda os espaços educativos em suas dimensões de organização e implementação, com um enfoque de atuação que objetiva promover a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir a formação integral do estudante

## LINHA DE PESQUISA

### Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Trata dos fundamentos das práticas educativas e do desenvolvimento curricular na Educação Profissional e Tecnológica, em suas diversas formas de oferta, com foco nas estratégias transversais e interdisciplinares, que possibilitem formação integral e significativa do estudante, sustentados no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais. Considera, também, as questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, à Educação Indígena, à Educação e Relações Étnico-raciais, à Educação Quilombola, à Educação do Campo, às Questões de Gênero e à Educação para Pessoas com



Deficiências (PCD) e sua relação com as diversas práticas do mundo do trabalho.

Dentre os Macroprojetos de Pesquisa e Desenvolvimento que Estruturam a Linha de Pesquisa Práticas Educativas em EPT, esta pesquisa se enquadra no Macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT.

Abriga projetos que trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem na EPT, no que se refere a questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, Educação Indígena, Educação e relações étnico-raciais, Educação quilombola, Educação do Campo, Questões de Gênero e Educação para Pessoas com Deficiências (PCD), e sua relação com as diversas práticas do mundo do trabalho e com os processos educacionais na EPT. Esta pesquisa será conduzida dentro dos critérios supracitados do ProfEPT.

É possível imaginar a angústia de um docente após descobrir que receberá um aluno surdo em sua turma. Em sua mente, talvez se pergunte: Como preparar uma aula para um aluno surdo? Não vi nada sobre isso em minha graduação! Haverá intérprete de Libras? Com certeza o IE vai saber ministrar os assuntos em Libras para meu aluno! Inquietações como essas são frequentes pois os docentes que atuam com intérpretes de Libras nos mais diversos níveis de ensino acreditam que por ter um IE todos os problemas e dificuldades serão resolvidos. Infelizmente essa não é a realidade. Um dos maiores entraves para a sintonia entre docentes e IE é justamente o desconhecimento das atribuições e especificidades dos IE por parte dos docentes.

O desconhecimento da atuação dos IE por parte dos docentes é, até certo ponto, justificável, uma vez que o pouco e talvez até único contato com Libras que os cursos de licenciatura oferecem é no início dos cursos de graduação em uma disciplina de sessenta horas obrigatórias, no caso a disciplina de Libras. Essa obrigatoriedade passou a ser de 2005 até o momento por força do Decreto 5626.

Tem-se mostrado um grande desafio que apenas essa disciplina possa dar conta de abarcar as especificidades dos sujeitos surdos, história, identidade, como ocorre sua forma de aprendizagem, como se deu os aspectos da educação de surdos ao longo da história. Além do ensino dos aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais (Libras) que assim como qualquer língua possui uma estrutura gramatical própria e diversas peculiaridades. Nesta baila ainda é necessário ser explicado como ocorre o processo de inclusão de surdos que atualmente é realizado dentre outras medidas por meio da presença de um IE em sala de aula. Com esse breve esboço é

possível detectar que muito pouco é esclarecido aos docentes sobre quem é e como se trabalha com um IE.

Essa lacuna, que a priori parece ser negligenciada, acaba por ser um dos maiores gargalos no processo de educação de surdos, o desconhecimento sobre como trabalhar lado a lado em sala de aula com os IE. Por isso é imprescindível que docentes e IE estejam sintonizados. Uma vez que isso é alcançado viabiliza que os alunos surdos possam realizar a travessia em seu processo educacional. Diante do exposto, questiona-se: Quais práticas educativas podem ser implementadas para estabelecer uma articulação entre docentes e intérpretes educacionais em sala de aula?

## **1.4 Objetivos**

### **1.4.1 Geral**

Sintetizar quais práticas educativas podem ser implementadas na articulação/relação entre docentes e intérpretes educacionais em sala de aula.

### **1.4.2 Específicos**

1. Compilar, via autores, a política e a legislação voltada para a inclusão educacional.
2. Categorizar, via pesquisa de campo, como são realizadas as práticas educativas na articulação entre docentes e intérpretes de Libras, bem como as principais dificuldades enfrentadas.
3. Produzir um Produto Educacional que apresente expertise de práticas educativas para a articulação entre docentes e intérpretes de Libras.

## **1.5 Justificativa**

Uma excelente ferramenta que auxilia a compilar e a mensurar o valor/implicatura das legislações é a Pirâmide de Kelsen.

A Pirâmide de Kelsen é uma teoria criada pelo jurista e filósofo austríaco Hans

Kelsen que tem por base o princípio da hierarquia das normas legais. Para Kelsen (2006) a ideia central é que as normas jurídicas posicionadas abaixo, normas fundadas, obtêm seu fundamento da validade das normas jurídicas posicionadas acima, normas fundantes. Ao topo da pirâmide temos a Constituição Federal, as emendas constitucionais e os tratados e convenções internacionais de direitos humanos que adentraram o nosso ordenamento jurídico pelo mesmo rito das emendas constitucionais. Esse topo da pirâmide é o fundamento de validade de todas as outras normas.

Nenhuma norma do ordenamento jurídico pode opor-se às normas localizadas no nível superior em status constitucional e dessa forma as normas abaixo são denominadas infraconstitucionais, logo abaixo, temos as normas com status supralegal. São tratados e convenções internacionais de direitos humanos que ingressaram em nosso ordenamento jurídico pelo rito das leis ordinárias. Mais abaixo, surgem as normas infraconstitucionais, tratados internacionais que não tratam de Direitos Humanos, leis complementares, leis ordinárias, leis delegadas, decretos legislativos, resoluções, decretos autônomos e medidas provisórias. As leis federais, estaduais, municipais e distritais não possuem hierarquia entre si e estão no mesmo nível e havendo conflito entre elas a disputa é resolvida pela análise da repartição constitucional de competências.

Os dois níveis na base da pirâmide contêm normas infralegais secundárias sem poder de gerar direitos, obrigações e, se contrariarem as normas primárias, são invalidadas.

No penúltimo nível, vêm as normas individuais e concretas, identificando sujeitos e objetos das relações jurídicas, sem tal vínculo jurídico apropriado, o direito não alcança objetividade e clareza. Os exemplos para essas normas são contrato, testamento e sentença.

E por último há outras normas de hierarquia inferior, como os decretos regulamentares, portarias, instruções normativas e circulares dentre outras que visam a complementação das normas primárias exemplificando e detalhando sua aplicação, por vezes até dentro do escopo da referida lei.

Com o detalhamento da Pirâmide de Kelsen, nota-se que apesar de haver na Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 23 e inciso V, que afirma que todo cidadão brasileiro tem direito ao acesso à educação, essa premissa só ganhou força para os sujeitos surdos a partir da promulgação da Lei nº10.436 de 24 de abril de 2002

que reconhece a Língua Brasileira de Sinais, Libras, como a língua da comunidade surda no Brasil e após o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que traz os detalhes que dispõem sobre a Libras em aspectos como, por exemplo, o uso e difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação.

Nesse ínterim, os sujeitos surdos antes renegados à atividades laborais que não exigiam formação especializada passaram a adentrar aos ambientes acadêmicos, uma vez que por força de outras leis e decretos, além das supracitadas, passaram a fomentar que os editais de seleção fossem traduzidos para a Libras, o que tornou obrigatória a atuação de IE nos mais diversos processos de seleção. Esses fatores, dentre outros, acabaram por propiciar o ingresso dos sujeitos surdos nos ambientes educacionais. Dessa forma eles passaram a ter acesso à cursos de graduação e pós-graduação bem como aprovação em concursos públicos para a carreira na Educação Básica e no Magistério Superior.

## 2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1 Revisão Sistemática<sup>1</sup>

A gênese desta pesquisa decorre de uma minuciosa revisão sistemática sobre o que já existe na literatura da EPTNM sobre as implicações da relação entre docentes e intérpretes de Libras em sala de aula no Ensino Médio Integrado (EMI).

A revisão sistemática, (Siddaway; Wood; Hedges, 2019), consiste em um método que permite maximizar o potencial de uma busca, encontrando o maior número possível de resultados de uma maneira organizada. Siddaway, Wood e Hedges (2019), classificam as revisões em três categorias: revisões sistemáticas com meta-análise; revisões sistemáticas narrativas; e revisões sistemáticas com meta-síntese. Para este trabalho acadêmico foi adotada a revisão sistemática do tipo meta-síntese. A meta-síntese, também denominada de meta-etnografia e/ou meta-análise qualitativa, tem o objetivo de sintetizar estudos qualitativos sobre um tópico a fim de localizar temas, conceitos ou teorias-chave que forneçam novas ou mais poderosas explicações para o fenômeno sob análise (Siddaway; Wood; Hedges, 2019). A revisão sistemática sobre a temática elencada leva em consideração os seguintes passos: seleção dos estudos por meio da definição de palavras-chave adequadas, etapa fundamental para se chegar a um número significativo e representativo de resultados. Para tanto, foi definido o problema da pesquisa que é como ocorre a relação entre docentes e intérpretes de Libras em salas de aula na Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio (EPTNM) no Campus Manaus Centro (CMC). Foram selecionadas as seguintes palavras-chave: inclusão, relação, docente, intérprete e sala de aula. Outros critérios como a base de dados e o período estão delineados no Quadro 3 abaixo:

---

<sup>1</sup> Esta seção foi publicada nos Anais do 8º Simpósio Tecnológico no Amazonas sob o título “Um recorte das implicações da relação entre docentes e intérpretes de libras da EPT no ensino integrado”.

Quadro 3 - Detalhamento da base de dados escolhida e o período da pesquisa.

Base de dados	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações- (BDTD)
Período da pesquisa	2012 -2022

Fonte: elaborado pelo autor, 2022.

Com base nisso foi possível traçar os critérios de inclusão e exclusão conforme o Quadro 4 abaixo:

Quadro 4 - Detalhamento dos fatores de inclusão e exclusão.

Fatores de inclusão	Ensino médio integrado ou ensino médio técnico	Docentes que lidam com surdos em sala de aula com intérpretes de Libras	Intérpretes que atuam com docentes em sala de aula	2012-2022
Fatores de exclusão	Ensino médio que não seja o integrado ou o técnico	Ensino fundamental	Ensino Superior	Antes de 2012

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Ainda falando sobre a base de dados a ser escolhida, no caso a BDTD foi a única que trouxe resultados concretos, uma vez que anteriormente essa etapa preliminar foi feita nas bases de dados: Observatório *ProfEPT* e no *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, mas os artigos e dissertações encontrados não trouxeram resultados significativos. Após os lançamentos dos critérios supracitados no Quadro 4, temos os seguintes resultados dispostos no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 - Dados encontrados

16	14 dissertações
	02 teses

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Excluindo dados duplicados e links de acesso a repositórios corrompidos, o resultado final está apresentado no Quadro 6 abaixo:

Quadro 6 - Dados encontrados após exclusão

14	12 dissertações
	02 teses

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Deu-se então a análise dos títulos e resumos, a fim de descartar dados que não se adequavam ao problema de pesquisa da análise sistemática em questão de acordo com os seguintes critérios;

a) Conteúdo (tópicos ou variáveis): a revisão deve sempre estar limitada a estudos que tenham incidência sobre sua questão específica de pesquisa (Dawson; Ferdig, 2006). Dos quatorze materiais, um não trazia nenhuma incidência sobre o problema de pesquisa.

b) Idioma da publicação: Todos os resultados se encontram redigidos em língua portuguesa.

c) Periódicos: Os materiais são compostos de teses e dissertações, totalizando duas teses e doze dissertações.

d) Autores: Os autores de tese e dissertações se resumem a docentes que em algum momento tiveram contato com intérpretes de Libras e alunos surdos em sala de aula.

e) Cenário: O cenário escolhido para o problema de pesquisa se trata do ensino médio técnico ou EMI na EPT (Educação Profissional e Tecnológica). Qualquer outro cenário que não o citado anteriormente foi descartado. Esse foi o item que serviu

de critério para deixar apenas os dados que foram analisados de fato na revisão sistemática. Os dados excluídos e seus respectivos cenários estão apresentados no Quadro 7 abaixo:

Quadro 7 - Detalhamento dos cenários encontrados

9 dissertações 2 teses	Ensino fundamental e ensino superior.
---------------------------	---------------------------------------

Elaborado pelo autor, 2022.

Dos treze materiais encontrados, onze foram descritos acima. Apenas, dois únicos dados preenchem o cenário de ensino médio técnico na EPT.

Após a análise do cenário, os demais critérios foram;

- f) Participantes ou sujeitos: Quem eles são?
- g) Programa ou intervenção: Se a pesquisa é participante ou não.
- h) Design da pesquisa ou metodologia de amostragem: Detalhamento da pesquisa.
- i) Data de publicação/coleta de dados ou duração da coleta de dados: As avaliações geralmente estão concentradas em estudos em determinados intervalos de tempo. Considerou-se ainda as dissertações/teses de 2012 até 2022. A escolha da janela de dez anos deu-se por pressupor que é uma temática pouco investigada.

O Quadro 8 abaixo apresenta os dois únicos dados que corroboram com o os itens das letras (e) até (i).

Quadro 8 - Detalhamento dos dois únicos dados que atendem aos requisitos dos itens (e) até o (i)

Dados	Cenário	Sujeitos	Pesquisa participante	Design da pesquisa	Ano
Educação matemática no caminho da inclusão: percepção docente na prática com alunos surdos.	EPT e EMI	8 docentes	Não	Qualitativa Entrevista Análise de conteúdo	2019
Professores de língua portuguesa e alunos surdos do	EPT e	3 docentes	Sim	Qualitativa Questionário	2020



ensino médio integrado do IFAM / CMC: Considerações acerca do processo inclusivo.	EMI			Diário de Campo Etnográfica	
---	-----	--	--	-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A revisão sistemática encontrou na BDTD dois dados referentes a duas dissertações e após análise de seus conteúdos, constatou-se a falta da inclusão da perspectiva do intérprete de Libras nas pesquisas e não trazem de forma clara o que docentes e intérpretes de Libras utilizam para facilitar tal parceria, uma vez que entendemos a consonância entre o docente e o intérprete como mola propulsora à acessibilidade do surdo, bem como a garantia de um ensino médio inclusivo e consequentemente uma educação politécnica.

A revisão mostrou a priori a necessidade de haver mais pesquisas sobre o assunto na BDTD e que essas pesquisas possam trazer um detalhamento objetivo do que docentes e intérpretes de Libras lançam mão para atuarem juntos em parceria.

Em relação a revisão com base no problema de pesquisa, ainda se está buscando a existência de revisões anteriores. Constata-se que os dois dados que mais se adequaram aos itens da revisão sistemática trazem a ausência de detalhamentos da relação entre docente e intérprete de Libras. Diante dessa análise, podemos inferir que esse problema de pesquisa ainda é uma lacuna que precisa ser preenchida por meio de estudos que possam levar em consideração não somente o lado do docente, mas também o lado do intérprete de Libras.

Para tanto, percebe-se a necessidade de se pensar em práticas educativas que possibilitem uma parceria em que ambos os profissionais precisam estar entrosados para que de fato possam dar apoio aos alunos surdos. A perspectiva do aluno surdo será pauta para pesquisas de futuros mestrados. Vale ressaltar que tal escolha é decorrente da prática do pesquisador e da percepção cotidiana das dificuldades e desafios dos alunos surdos em sala que sofrem com a ausência de atuação dos principais articuladores do processo de ensino e aprendizagem.

## **2.2 Aspectos da língua brasileira de sinais e dos sujeitos surdos**

A partir de agora haverá uma breve descrição dos principais aspectos que fizeram parte desta pesquisa. Foi mencionado bastante sobre a língua brasileira de sinais (Libras), mas o que é a Libras e em que ela se diferencia de outras línguas orais como, por exemplo, o português?

Das mais de diversas línguas existentes no mundo podemos dividi-las quanto a sua modalidade de acordo com o Quadro 9 abaixo, conforme aponta Quadros (2004, 2019).

Quadro 9 - Aspectos das línguas de sinais e orais

	Modalidade	Produção	Captação	Exemplos
Línguas Orais	Oral - auditiva	Aparelho fonador.	Ouvidos	Português, inglês, espanhol, francês, Yanomami.
Línguas de Sinais	Visoespacial	Mãos e corpo.	Olhos.	Libras, ASL <sup>2</sup> , LGP <sup>3</sup> , LSV <sup>4</sup> .

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Exemplificando, para a língua portuguesa temos que, por ser uma língua de modalidade oral-auditiva, ou seja, precisa ser articulada pelo aparelho fonador para sua produção e captada pelo aparelho (ouvido). Nessa modalidade é imprescindível que as palavras sejam pronunciadas em um tom audível e de forma compassada para que nossos interlocutores compreendam o que está sendo dito. Por outro lado, existem as línguas de sinais que diferem das línguas orais, pois sua modalidade é visoespacial ou visual-espacial. Dito de outra forma, como é o caso da língua brasileira de sinais (Libras), utiliza-se o espaço para sua articulação e o aspecto visual por meio da captação pelos olhos para sua compreensão.

Os sujeitos surdos possuem como principal peculiaridade fazer em sua maioria amplo uso da Libras nos mais diversos contextos em que vivem. Há surdos em todo o território nacional. Dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que há cerca de 2,2 milhões de pessoas com

<sup>2</sup> ASL: Língua de Sinais Americana

<sup>3</sup> LGP: Língua Gestual Portuguesa

<sup>4</sup> LSV: Língua de Sinais Venezuelana

deficiência auditiva e entre estes, 344,2 mil são surdos. Eles, em sua maioria, transitam em comunidades surdas.

Diferentes caminhos se cruzam nas comunidades surdas, nessas interações do surdo com o outro e o mundo ouvinte com as identidades surdas, narrativas pessoais, significantes culturais, lutas e discursos são recriados. As ideias que implicam ao "ser Surdo" são criadas e reconstruídas com base em parte nas experiências únicas de várias comunidades. Algumas priorizam com intensidade os aspectos políticos, já outras as Libras e artes e outras, por outro lado, mantêm um tipo de "ser Surdo" como uma minoria, uma comunidade ou um povo (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 220).

Essas comunidades são compostas por além dos surdos, familiares, pessoas que sabem Libras, intérpretes e todo um conjunto de pessoas que se relacionam com eles. A principal especificidade dos sujeitos surdos é o uso da Libras. Em se tratando de alunos surdos, os docentes precisam conhecer as especificidades para melhor atendê-los em sala de aula a fim de que possam ter um processo de aprendizagem favorecido.

Sobre isso Campello (2008), afirma que a experiência visual do surdo está vinculada ao uso de uma linguagem de signos, cuja singularidade é visual-gestual e que as escolas devem proporcionar experiências visuais significativas aos alunos surdos. No entanto, este não é o caso na prática, não se pode esquecer que a cultura surda se manifesta através da Libras e pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico, de acordo com Lebedeff (2017).

Os achados dos estudos sobre a educação dos surdos apontam para a necessidade da criação de novas práticas metodológicas que tenham como foco seu processamento cognitivo, não basta apenas ensinar o material escolar em Libras, o docente precisa explicar os conteúdos mesmo não sabendo Libras com o auxílio de um IE e usar todo o potencial visual que a Libras possui.

## **2.3 Cenário e participantes da pesquisa**

### **2.3.1 Cenário**

Esta pesquisa foi realizada na EPTNM, o qual é um modelo educacional que

permite que os alunos concluam o ensino médio com formação profissional e estejam mais preparados para o mundo do trabalho. Isso aumenta as opções dos alunos e lhes dá mais controle sobre seu desenvolvimento profissional.

Nesse formato, o aluno faz um curso técnico ao mesmo tempo em que conclui o ensino médio. Muitas instituições como o IFAM, oferecem essa modalidade, todas logicamente credenciadas e autorizadas pelo Ministério da Educação (MEC). Combina assuntos ministrados no ensino médio com disciplinas teóricas e práticas encontradas em cursos técnicos.

Expandindo ainda o conceito de EMI, Ramos (2008) indica que essa concepção implica que o ensino médio não é apenas profissionalizante, mas refere-se a mais do que apenas um programa de educação profissional convencional também designa uma educação que integra as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura. O objetivo específico da formação profissional seria o estreitamento dessas dimensões, os outros dois pilares dessa formação seriam o fomento ao aluno à iniciação científica e o envolvimento em projetos culturais.

O curso selecionado foi o curso técnico em química que conta um discente surdo matriculado. Foi selecionado um (1) docente. Quanto aos intérpretes, foram selecionados ao todo quatro (4). Esse número em par se justifica pelo fato de os intérpretes atuarem em dupla.

### 2.3.2 O Docente da EPTNM

Nos cursos da EPTNM, os docentes regem disciplinas as quais são divididas em núcleo comum, a saber, português, matemática, química, biologia dentre outras e em núcleo técnico de acordo com a área previamente escolhida pelo discente.

### 2.3.3 O Intérprete Educacional

A menção ao profissional intérprete de Libras começa no (Decreto nº 5626), que em seu Capítulo IV menciona sobre prover as escolas com o profissional tradutor e intérprete de Libras-Língua portuguesa. Ainda em 2005, por conta do contexto político e educacional da época, havia a princípio poucos profissionais intérpretes, o Cap V discorre sobre como se daria a formação desse profissional que passou a ser por meio do Curso Superior de Tradução e Interpretação com Habilitação em Libras-

Língua Portuguesa dentre outros meios de formação. Outra menção encontramos na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Brasil 2015) que institui a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência que também traz desdobramentos sobre a disponibilização de intérpretes de Libras em sala de aula para o atendimento de alunos surdos.

Sobre os IE, a Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010 (Brasil,2010) discorre sobre a regulamentação da profissão de intérprete de Libras. Com o passar do tempo tal lei se mostrou incipiente para regulamentar diretrizes para a profissão. Assim sendo, o Senado Federal, atendendo a diversos pedidos da classe e após amplo debate, elaboraram a Lei Nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional intérprete de Libras trazendo reformulações importantes para a classe.

O IE ou intérprete de Libras é o profissional que em sala recebe as informações em língua portuguesa e as interpreta para a Libras. Os IE passaram a ser imprescindíveis como umas dentre várias medidas para tornar um ambiente, como uma sala de aula, inclusivo, uma vez que este profissional realiza apenas a mediação entre docente e aluno surdo.

À medida em que esse profissional ganha importância, não é raro encontrar docentes que desconhecem sua função e suas peculiaridades. Esse detalhe muitas vezes dificulta a atuação deste profissional e como consequência passa a ser um entrave para a compreensão das informações por parte do aluno surdo.

#### 2.3.4 Competências do Intérprete de Libras

Assim como todos os atores no âmbito da educação necessitam de formação adequada não poderia ser menos importante e tampouco diferente no caso dos IE.

Apesar do programa de mestrado (ProfEPT) não ser da área de estudos da tradução, é permitido que possam ser realizadas aproximações com diversas áreas do conhecimento. A aproximação se deu por meio dos estudos da tradução, que é um dos cerne que tornam os IE preparados para sua atuação. Além disso é indispensável uma relação entre os IE e docentes em sala o que permite que os alunos surdos possam realizar sua travessia nesse nível de ensino em prol de uma educação acessível e politécnica a qual é uma das bases conceituais da EPTNM.

Antes disso é importante trazer breves definições para auxiliar o leitor. A

nomenclatura tradutor e intérprete de Libras já nos aponta no mínimo duas importantes informações, a saber, que os intérpretes atuam tanto na tradução quanto na interpretação. Nesta pesquisa será adotada a nomenclatura IE para se referir ao intérprete de Libras que atua em sala de aula.

Interpretar e traduzir não são a mesma coisa. A atividade de interpretação envolve trabalhar com palavras faladas num determinado contexto, transmitindo uma mensagem de uma língua para outra, no caso desta pesquisa de Língua Portuguesa (LP) para Libras, enquanto a tradução refere-se à atividade de transferir um texto escrito de uma língua para outra.

Apesar da diferença básica nas funções de traduzir e interpretar essas atividades não consistem em simplesmente substituir as palavras de uma língua pelos sinais de outra, para isso é imprescindível que o IE domine as técnicas de interpretação para fazer as escolhas lexicais adequadas ao interpretar de uma língua para outra.

As técnicas que podem ser aplicadas são utilizadas nos campos da tradução de línguas orais as quais se adequam a interpretação de língua de sinais.

Barbosa (2020), define vários tipos de organização de técnicas de tradução. Pode-se citar: tradução palavra por palavra, transposição, modulação, equivalência, omissão, explicitação, dentre outras.

Algumas diferenças da atividade de interpretação e tradução. A interpretação é falada, a tradução é escrita. Logo, a interpretação recorre a recursos linguísticos específicos, as ideias do interlocutor são transmitidas como palavras faladas, com um ritmo e entoação particulares, recorrendo a figuras de linguagem e gestos e improvisos. O IE escuta as sentenças em LP e as interpreta para a Libras.

A interpretação é feita em tempo real que pode ser de forma simultânea ou muito próxima disso, às vezes de forma consecutiva quando o interlocutor fala diversas sentenças e realiza uma pausa e assim o intérprete faz uso da memória para repassar as informações em Libras. Na atividade de interpretação o IE não tem tempo de recorrer aos recursos escritos disponíveis para os tradutores. Isto faz com que a preparação antes de cada atuação seja essencial para um intérprete. Esta atividade de preparação inclusive é um dos focos desta pesquisa.

Outra diferença é a velocidade extrema na qual a interpretação é realizada, nela o IE tem de receber, entender, gerir e reconstruir a informação. Na tradução o IE pode traduzir diversas sentenças e palavras por dia, enquanto a interpretação tem que

acompanhar cerca de um cento de palavras por minuto.

A comunicação na interpretação é imediata, envolvendo uma interação entre oradores, ouvintes e intérpretes e surdos. Na tradução há sempre um espaço entre a escrita de um texto por um autor e a sua recepção pelos leitores. Na tradução pode-se gastar muito tempo traduzindo um texto, enquanto na interpretação, as informações precisam ser processadas de imediato.

Engana-se quem pensa que só quem precisa de intérprete seria o aluno surdo. Quando em uma sala de aula ou outro contexto o aluno levanta a mão para participar e o professor dá a “voz” para que ele se expresse em LIBRAS, as informações só serão compreendidas porque o intérprete recebe as informações em Libras e as interpreta para a língua portuguesa. Somente dessa forma o aluno surdo será compreendido.

No geral é mais frequente a atuação em sala de aula de português para a Libras, no momento em que o docente ou outro ouvinte que não sabe Libras se expressa em língua portuguesa.

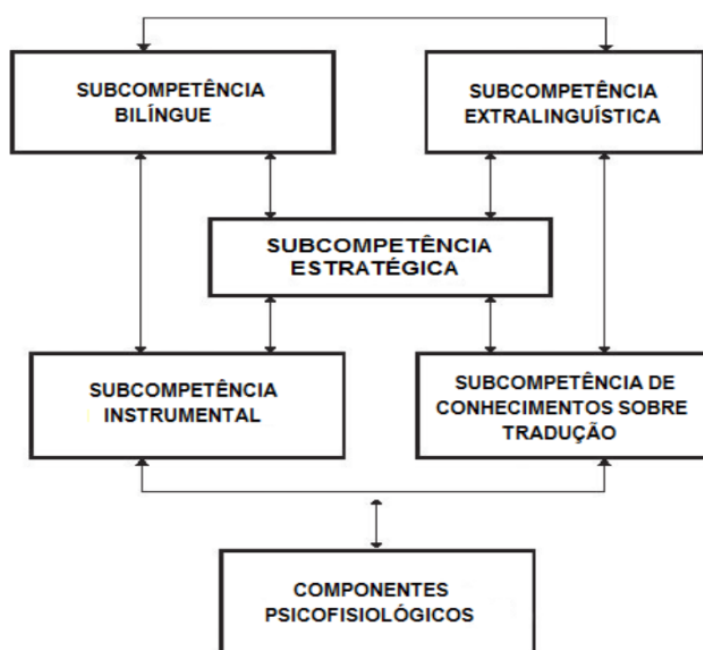
Para todos os efeitos, esta pesquisa levará em conta apenas a atividade de interpretação em sala de aula. A critério de explicação um IE atua em inúmeros contextos num estabelecimento de ensino para além de sala de aula.

Há diversos documentos que apontam que a atividade de interpretação requer muito esforço (veja os documentos norteadores no Quadro 2).

Outra temática dos estudos da tradução que é de suma relevância para a melhor atuação possível dos IE diz respeito ao desenvolvimento de competências. Tal conceito foi proposto por Hurtado (2020), da qual a professora faz parte do grupo de estudos da tradução *PACTE* que se debruça acerca de propor um modelo de competências/subcompetências que abarcam todas as dimensões necessárias para o melhor desenvolvimento de um intérprete/tradutor. O desenvolvimento dessas competências é imprescindível para o intérprete de Libras que atua na sala de aula da EPT, pois elas dão um norte de como proceder sua relação com o docente no qual

atua em parceria. A Figura 2 abaixo aponta as competências necessárias:

Figura 2 - A competência tradutória de acordo com o modelo *PACTE* (2003)



Fonte: *PACTE* (2003)

Segundo Hurtado (2003):

1. Subcompetência bilíngue: Conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas. São conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos;
2. Subcompetência extralinguística: Conhecimentos essencialmente declarativos, implícitos e explícitos, sobre o mundo em geral e em áreas específicas. São conhecimentos biculturais, enciclopédicos e temáticos, textuais e léxico-gramaticais;
3. Subcompetência de conhecimentos sobre tradução: Conhecimentos essencialmente declarativos, implícitos e explícitos, sobre os princípios que regem a tradução e sobre os aspectos profissionais;
4. Subcompetência instrumental: Conhecimentos essencialmente operacionais relativos à utilização das fontes de documentação e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à tradução



(dicionários de todo tipo, enciclopédias, gramáticas, suportes à redação, textos paralelos, corpora eletrônicos, mecanismos de pesquisa, etc.);

5. Subcompetência estratégica: Conhecimentos operacionais permitindo a eficácia do processo de tradução e a resolução dos problemas encontrados. Trata-se de uma subcompetência chave que possui um impacto sobre todas as outras, relacionando-as, uma vez que ela monitora o processo de tradução. Essa subcompetência permite planejar o processo e elaborar o projeto de tradução (escolha do método exigido), avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final pretendido, ativar as diferentes subcompetências a fim de compensar certas lacunas, e identificar os problemas de tradução e aplicar os procedimentos para resolvê-los.

Sobre essa importante definição supracitada das subcompetências, pode-se perceber que a relação docente e IE será convergente com o desenvolvimento dessas subcompetências por parte do IE. Nota-se que as subcompetências 2, 4 e 5 estão mais requeridas na relação com o docente pois elas como desdobramento salientam a necessidade de uma preparação prévia do IE com o docente.

Essa perspectiva mencionada acima se alinha com a visão de Bakhtin (2006) e converge para o contexto de comunicação em que IE e docente estão inseridos em sala de aula em que a palavra que resume isso é o diálogo, palavra-chave para Bakhtin. Apenas há língua se houver possibilidade de interação social dialógica, os enunciados ou atos de fala são sempre motivados pela interação que há entre os falantes daquele diálogo ou conversação e além disso esses participantes estão inseridos num contexto sócio-cultural que motiva a um construir junto com o outro essa interação.

Esses conceitos de interação e diálogo na abordagem Bakhtiniana implicam que a linguagem oral passa a ser entendida como intermediária para realizar essas interações sociais em que a situação e contexto de produção também passam a fazer parte dos estudos linguísticos e não só motivam ao discurso, mas também condicionam conforme o seu ambiente em que está sendo reproduzido aquela fala.

Práticas educativas foram elaboradas para contribuir com o desempenho do intérprete no momento de sua atuação em sala de aula para que este contato ajude o docente a conhecer melhor as especificidades do IE e por conseguinte do aluno surdo. As práticas educativas que favorecem a relação entre docentes e IE foram obtidas após a aplicação dos instrumentos de coletas de dados e por extensão após sua análise e foram convertidas em um produto educacional (PE). Este item será

detalhado mais adiante.

### 2.3.5 A relação entre o docente e o IE com a Politecnicia

Diversos atores do contexto educacional desconhecem a atuação do IE e sua importância para o processo de inclusão discente, talvez porque possuem visões distorcidas ou navegam em mitos, o que atrapalha a atuação do IE e na travessia e inserção dos alunos surdos nos diversos contextos educacionais, como o Educação Profissional e Tecnológica de Nível Médio (EPTNM).

A relação entre o intérprete de Libras com o docente do ensino médio integrado precisa ocorrer de forma orquestrada a fim de possibilitar ao intérprete mediar a comunicação entre o aluno surdo e o docente. Para isso, o intérprete precisa desempenhar uma série de funções que antecedem sua atuação em sala de aula, entre elas o contato com o professor, uma vez que a atuação em sala de aula é apenas a ponta do iceberg, antes disso, o intérprete de Libras precisa ter acesso às informações que serão utilizadas para seu preparo e conseqüentemente as escolhas tradutórias adequadas, a fim de repassar ao aluno surdo as informações.

Do outro lado desta relação, o docente precisa colaborar, não só no repasse dos conteúdos, como também sanar as dúvidas conceituais que o intérprete tenha e escolher materiais que já possam ser adaptados para toda a turma, por isso enfatizamos anteriormente que essa relação deve ser orquestrada para que, além dos alunos ouvintes, os alunos surdos possam ter acesso a uma formação politécnica.

De forma clássica, ao se pensar em uma formação politécnica, Saviani (1997) enfatiza que a mesma tem por princípio a aliança entre o trabalho manual e intelectual devendo pois ocorrer numa fase educativa posterior à educação elementar. Essa formação se difere da mera formação técnica, uma vez que não é instrumentalizadora e nem adestradora. Em se tratando dos alunos surdos, esse princípio é bem-vindo, pois por meio de uma educação politécnica eles poderão ser cidadãos atuantes na sociedade transformando-a, já que terão uma consciência que poderão unir tanto o trabalho manual quanto o intelectual para fomentar o seu desenvolvimento e das pessoas em sua volta.

Segundo Machado (1989), o ensino politécnico, ao mesmo tempo em que atua diretamente sobre os indivíduos, contribui para o desenvolvimento de condições objetivas de transformação da sociedade, transformações essas indispensáveis hodiernamente pois também permite que os alunos surdos sejam de fato sujeitos transformadores de mudanças.

\*Politecnicia pode ser definida também como um método educacional, principalmente para o ensino médio, que não pretende, apenas, ensinar uma determinada técnica ou um conteúdo sem mostrar sua relação com a realidade do estudante. A proposta é de que ao se deparar com um determinado processo de produção em um determinado contexto histórico, os alunos surdos, através do domínio de princípios científicos, fossem capazes de compreender os fundamentos e bases que constituem esses processos de produção.

Por politecnicia, baseada nas palavras de Saviani (1989), podemos encontrar um norte para toda uma proposta de EPTNM e que tenha o ensino integrado como a forma para este conceito, que traz um grande benefício todos os alunos surdos, a saber, a possibilidade de com isso ser um sujeito ativamente pensante capaz de ter um direcionamento perspicaz para sua trajetória profissional.

O mundo está mudando e junto com ele os processos produtivos e o mundo do trabalho. Se até pouco tempo um trabalhador ocupava um posto de sua juventude até a aposentadoria, hoje em dia, isso não é mais uma realidade.

A complexidade dos processos produtivos, especialmente sob a influência das tecnologias, requer do trabalhador a capacidade de reinventar-se, nesse sentido é imprescindível uma educação politécnica para enfrentar os desafios do mundo do trabalho. Então, adicionalmente a politecnicia contempla as várias dimensões do sujeito, contempla o fazer, contempla o pensar, contempla a dimensão artística cultural e social do sujeito e não apenas os aspectos econômicos resultantes do trabalho e formação para o trabalho. Nesse sentido a politecnicia traz essa contribuição, emancipar o trabalhador no seu processo formativo para que ele não seja um mero repetidor, mas que também possa pensar no processo criativo.

A instituição escolar que existe atualmente é moderna, é fruto desse processo de mudança do trabalho. Toda educação contribui para o mundo do trabalho, mas na modernidade a sociedade burguesa e capitalista por outro lado como consequência torna o trabalho alienante para os menos favorecidos. Por conseguinte, esse trabalho alienado é focado na ideia de formar a pessoa para executar ações e executar

funções. Então o ensino passa a ser um ensino em que o aluno aprende somente para executar coisas, a fazer ações, a repetir ações.

Outro aspecto a se levar em consideração é que o trabalho é marcado por sua superespecialização, a divisão do trabalho em etapas, em fases e que gera por sua vez um efeito indesejado que até os dias atuais perdura.

Essa compartimentação do trabalho em que a pessoa só faz parte e não tem a visão do todo gera, nos dias atuais, uma dicotomia bastante polêmica que é a relação entre trabalho intelectual e trabalho não intelectual. O trabalho manual, é legado para o proletário ou para minorias, como os surdos por exemplo, e o trabalho nobre de planejamento e gestão é legado para a elite, ou seja a classe burguesa. O sistema capitalista funciona a partir da divisão do trabalho e essa divisão tem um princípio estruturante que é a divisão entre teoria e prática, o trabalho intelectual e o trabalho manual. Adicionalmente Saviani (2003), enfatiza que "a politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual trabalho intelectual, entre e instrução profissional e instrução geral".

O conceito de politecnia muda essa dualidade estrutural porque rompe essa ideia de teoria e prática separados, então é um binômio que anda junto. É uma proposta de educação que a pessoa recebe e participa de um processo tanto de educação teórica quanto prática ou mais ainda, de uma teoria que nasce da prática e de uma prática que esteja completamente envolvida na teoria.

A chave do pensamento de romper essa dualidade muda completamente também as relações de trabalho. Em síntese, consiste na superação da dualidade entre trabalho manual estigmatizado e o trabalho intelectual bastante prestigiado.

A Politecnia deve trabalhar os diversos aspectos. Pode-se descrever que ela impacta um trabalhador da seguinte forma. Temos um trabalhador que consegue pensar o seu processo produtivo, as implicações sociais e econômicas bem como ainda transita na área da arte, da cultura, da liderança, a partir daí temos um trabalhador politécnico e assim a formação atendeu o propósito.

Esse tipo de educação está muito fundamentado em uma dualidade estrutural, que é o trabalho intelectual e o trabalho manual, a teoria e a prática. A Politecnia tenta romper isso, a dualidade estrutural e passa a não existir mais o par teoria de um lado e prática do outro, o que existe é um binômio que caminha junto.

O conceito de politecnia desafia a pensar numa formação educacional baseada na multiplicidade e na função de habilidades e competências sejam elas de

ordem prática ou teórica de base intelectual ou manual. A politecnicia não exclui a necessidade de uma compreensão sobre os fundamentos científicos e criativos que oportunizam a inventividade e a solução de problemas. A formação politécnica deverá possibilitar aos indivíduos uma compreensão ampla, integrada e multifacetada atenta às demandas individuais e coletivas dos homens e mulheres da atualidade.

De forma mais contemporânea, Saviani (2022) aponta que a politecnicia agrega todas as modalidades indispensáveis que se tornam a cerne da diversidade de meios e técnicas de produção existentes. Dessa forma fomenta o atravessamento dos alunos surdos em uma busca constante dos mais diversos conhecimentos com a devida autonomia.

Todo esse breve passeio para a compreensão do que é a politecnicia se faz necessário pois ela é o fim que todos os alunos, de forma específica os alunos surdos, podem alcançar. Esse feito depende de forma primordial da relação entre docentes e intérpretes de Libras em sala de aula.

A relação docente e intérprete de Libras quando caminha em sintonia garante aos alunos surdos da EPTNM do EMI uma travessia educacional acessível e politécnica. Diante do exposto, entende-se que, embora ideal, essa conexão nem sempre é tão fácil, uma vez que lidamos com pessoas que pensam e agem de forma diferente. A partir dessa premissa, como base de investigação, questiona-se: O que docentes e intérpretes de Libras podem lançar mão para que sua relação possa coadunar de forma a garantir aos alunos surdos o acesso às informações repassadas em sala de aula?

Com isso em mente, o intérprete saberá discriminar soluções principalmente em situações novas para realizar sua interpretação ao lado do docente que, por sua vez, precisa, além de compreender o perfil do intérprete de Libras, entender quais práticas docentes podem favorecer a atuação desse profissional em sala de aula.

## **2.4 Metodologia**

### **2.4.1 Abordagem da Pesquisa**

Esta pesquisa é qualitativa, pois preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o

universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis aplicada inicialmente em estudos de antropologia e sociologia como contraponto a pesquisa quantitativa dominante.

A falta de exploração de um certo tema na literatura disponível, o caráter descritivo da pesquisa que se pretende empreender ou a intenção de compreender um fenômeno complexo na sua totalidade são elementos que tornam propício o emprego de métodos qualitativos.

Quanto aos objetivos, se configura como uma pesquisa exploratória de acordo com Appolinário (2011), pois é realizada quando o tema escolhido, por ser novo, ainda não possui suficientes fontes de referência e não apresenta hipóteses consistentes para servir de ponto de partida para a pesquisa. Serve então para a formulação de um problema para investigações mais exatas ou para a criação de hipóteses

#### 2.4.2 Tipo de Pesquisa

Configura uma pesquisa de campo que, segundo Gonsalves (2001), se caracteriza pelas investigações em que além de pesquisas bibliográficas documental ou revisão sistemática, se realizam coleta de dados junto às pessoas com diversos recursos.

#### 2.4.3 Campo de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Campus Manaus Centro (IFAM-CMC). Neste sentido vale apresentar um pouco a respeito da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia pelo Governo Federal.

Sua criação constituiu uma ação de caráter revolucionário no País, tendo como base a Rede Federal de Educação Tecnológica. Os Institutos e dentre eles o IFAM surgiram com uma proposta de expansão do ensino técnico e tecnológico jamais vista, uma vez que promovem o ensino nos níveis básico, técnico e tecnológico, incluindo programas de formação e qualificação de trabalhadores, licenciaturas e

cursos de pós-graduação lato e stricto sensu.

Em 29 de dezembro de 2008, o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, sancionou o Decreto Lei Nº 11.892, criando trinta e oito Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, dentre eles, o IFAM

Atualmente, o IFAM já conta com 15 Campi, sendo três em Manaus (Manaus Centro, Manaus Distrito Industrial e Manaus Zona Leste), Coari, Lábrea, Maués, Manacapuru, Parintins, Presidente Figueiredo, São Gabriel da Cachoeira, Tabatinga, Humaitá, Eirunepé, Itacoatiara e Tefé.

#### 2.4.4 Participantes investigados

Essa pesquisa abrangeu a análise de dois grupos: um docente e quatro intérpretes educacionais, que atendem aos seguintes critérios de inclusão/exclusão: Critérios de inclusão dos docentes na pesquisa, a saber, que atua no EPTNM em salas de aula com a presença de intérprete de Libras e aluno surdo. Já os fatores de exclusão do docente seriam os que atuam no ensino médio regular e ensino superior ou que atua no ensino médio integrado sem a presença de intérprete ou de aluno surdo. Após a harmonia com esses critérios supracitados foi escolhido um docente. Para manter o sigilo do docente em questão ele foi chamado de D01.

Por outro lado, o outro grupo que foi analisado foram os intérpretes que se adequaram aos seguintes aspectos de inclusão/exclusão: Inclusão- intérpretes de Libras que atuam em sala de aula com a presença de aluno surdo na EPTNM integrado. Já os aspectos de exclusão foram intérpretes que não atuam em sala de aula ou que atuam nas salas de aula do ensino médio regular ou do ensino superior. Após atender a esses critérios, quatro intérpretes foram selecionados. Na análise de dados os quatro intérpretes educacionais a fim de terem suas identidades preservadas, foram chamados de IE01, IE02, IE03 e IE04.

Nessa pesquisa, a percepção de análise por parte dos alunos surdos não foi investigada por se tratar de um enorme campo, o da aprendizagem de surdos e se fosse adicionando esse desenvolvimento tornaria inviável por conta do tempo que seria demandado neste programa de Mestrado. Assim sendo, fica uma proposta para futuros pesquisadores que possam pesquisar os aspectos de aprendizagem mediante a relação entre docentes e intérpretes de Libras. O Quadro 10 abaixo traz uma visão

detalhada dos sujeitos pesquisados.

Quadro 10 - Descrição dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos participantes	Quantidade	Perfil de formação
Docente	1	Licenciatura em História
Intérpretes	4	Três bacharéis em Letras Libras. Um graduando em Licenciatura em Letras Libras.

Fonte: elaborado pelo autor, 2023.

#### 2.4.5 Instrumento de coleta de dados

Foram adotados dois instrumentos para coletar os dados, a saber, questionário e entrevistas semiestruturados. Ainda sobre as entrevistas foram captados apenas o áudio dos participantes para posterior transcrição e análise.

Sobre o instrumento questionário, Lakatos e Marconi (2001) afirmam se tratar de uma sequência ordenada de perguntas sem que haja a necessidade da presença do entrevistador. O questionário em questão foi disponibilizado por meio do formulário impresso com sete perguntas com alternativas, conforme Sampieri (2013), que sugere tipos de perguntas a serem utilizadas na elaboração do questionário. O questionário foi utilizado para mensurar a avaliação do PE.

As entrevistas foram utilizadas de forma paralela. Sobre o instrumento entrevista, Lakatos e Marconi (2001) apontam que se trata de um importante método de análise de dados feito pessoalmente com o entrevistado de forma metódica. Pelo fato de a pesquisa envolver algo muito sensível e, de acordo com Sampieri (2013), nesse caso se recomenda o uso do instrumento entrevistas.

Ambos instrumentos de coleta de dados supracitados precisam se harmonizar com os pormenores legais para a execução da entrevista e questionário com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deve estar assinado e com a anuência dos interlocutores/participantes da pesquisa.

Foi informado aos participantes que a divulgação dos resultados ocorreria por meio da dissertação, de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em



encontros científicos e congressos.

O participante não pagou e nem foi remunerado pela sua participação. E que todas as despesas resultantes da pesquisa seriam ressarcidas, quando devidas e oriundas especificamente de sua participação.

Dentro do contexto da desta pesquisa, o benefício esperado é o de oferecer recomendações de práticas educativas aos docentes e intérpretes educacionais a fim de que ambos possam atuar em parceria harmônica. Conseqüentemente as informações repassadas em sala de aula por meio das práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais alcançarão as especificidades dos alunos surdos. Assim sendo, esses conseguirão realizar sua trajetória na EPTNM de forma inclusiva e obtendo uma formação politécnica.

Quanto aos riscos, o ato de adesão à pesquisa e as circunstâncias que envolvem os sujeitos, poderão resultar em risco profissional que ao evidenciá-lo poderá sujeitá-los a alguma espécie de estigmatização, como: constrangimento, desconforto e julgamentos subjetivos e, ainda o ambiente de aplicação da entrevista pode apresentar desconforto ou exposição dos participantes causando-lhes incômodo em relação ao seu fazer profissional. Quanto a entrevista e o questionário podem causar invasão de privacidade e exposição a questões sensíveis. Nesses casos supracitados foram adotadas algumas medidas para prosseguir ou interromper com a adesão, tais como: usar linguagem acessível, deixando claro o porquê das questões e os objetivos da investigação. Foi garantido um local reservado e a liberdade para responder questões constrangedoras, bem como a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias e rasuras). Adicionalmente foram garantidas a confidencialidade e a privacidade e não estigmatização.

Para tanto, todos os envolvidos receberam uma cópia digital de todos os produtos oriundos desta pesquisa: (1) dissertação; (2) produto educacional; (3) uma cópia do TCLE devidamente assinado pelo pesquisador e pesquisado. Ademais foi esclarecido aos participantes que a qualquer momento poderiam deixar de participar da pesquisa levando consigo todo o material produzido, sem nenhum ônus de qualquer natureza. A partir dessa importante etapa é que se seguiu a coleta das entrevistas e a realização dos questionários.

#### 2.4.6 Instrumento de análise de dados

Para analisar os dados advindos das entrevistas e dos questionários, foi utilizado como instrumento de análise dados a ATD nos moldes de Galiazzi e Moares (2016, 2022). Eles definem que esse instrumento transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. Trabalha com a interpretação de significados que são atribuídos pelo autor e dessas produções é produzido um metatexto. Segue as seguintes etapas:

1. **Unilateralização;**
2. **Categorização;**
3. **Descrição;**
4. **Interpretação;**
5. **Argumentação;**

Na etapa de **Unilateralização**, ocorreu a separação dos textos em unidades de significado e seguirá os seguintes passos:

1.1 Seleção do *corpus* (entrevista direcionada ao docente e intérpretes de Libras);

1.2 Desmonte dos textos (as entrevistas foram transcritas para a língua portuguesa) de todos os participantes;

1.3 Codificação e definição das unidades de significado por meio de leituras e releituras;

1.4 Reescrita das unidades de significado para melhor clareza possível;

1.5 Atribuição de um título para cada unidade de significado;

A condução dessa etapa supracitada ocorreu após aplicação das entrevistas com os sujeitos discriminados da seguinte forma:

Quatro intérpretes chamados de (IE01, IE02, IE03, IE04,) e um docente chamado de (D01).

Na etapa de **Categorização**, os passos foram os seguintes:

2.1 Reunir as unidades de significados semelhantes com a comparação das unidades de significado de todos os doze participantes;

2.2 Utilizar um método indutivo (particular para o geral);

2.3 Criar, definir e nomear cada categoria ou subcategoria;

2.4 Produzir argumentos para cada categoria (argumentos aglutinadores) por meio de relações e hierarquizações das categorias;

Após a execução dessas etapas, foi realizada a avaliação das categorias quanto aos seguintes aspectos:

2.5 Validação: Quando o conjunto de categorias representa as informações categorizadas ao mesmo tempo em que atende aos objetivos e ao objeto de análise.

2.6 Homogeneidade: Quando apresenta um mesmo princípio caracterizado por um mesmo contínuo conceitual.

2.7 Foco: Quando o conjunto de categorias focaliza o todo por meio das partes para evitar reducionismos.

2.8 Outro pesquisador: Neste caso um não participante do processo de pesquisa e de coleta de dados será convocado. Após essa etapa é feito o ajuste de inconsistências ocorridas no processo.

Na etapa de **Descrição**, foram apresentados elementos emergentes dos textos analisados e representados pelas categorias e subcategorias além da utilização dos recortes dos textos originais produzidos pelos sujeitos da pesquisa.

Na etapa de **Interpretação**, foi realizada uma leitura teórica dos fatos empíricos de forma profunda e complexa. Essas informações foram concatenadas com o referencial teórico para embasar os dados coletados. Foi estabelecida uma relação entre as descrições empíricas e os aspectos teóricos da pesquisa bibliográfica.

Na etapa de **Argumentação**, foram apresentadas afirmações teóricas emergentes do processo de análise. Foram analisados insights ou intuições não previstas durante o processo. Esses argumentos podem surgir durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa. Foram lançadas as bases para a produção de um metatexto de caráter descritivo com uma argumentação centralizadora que explica o todo a partir das relações entre os argumentos produzidos para as categorias, e em seguida foi realizado um fechamento de ideias que pudessem tornar o texto mais claro e preciso.



### 3 PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional (PE) derivado desta pesquisa tem como título “Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais”.

O produto educacional apresenta-se como uma forma de tornar pública a pesquisa realizada durante o mestrado profissional e caracteriza-se como um recurso com estratégias educacionais que favorecem a prática pedagógica. A elaboração do produto pedagógico implica um processo formativo contínuo, no qual a pesquisa é o alicerce (Freire; Rocha; Guerinni, 2017).

De acordo com o documento Orientador do Aplicativo para Propostas de Cursos Novos (APCN) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) área 46 que trata do ensino, temos que para os cursos de Mestrado e Doutorado Profissional, destaca-se a produção técnica/tecnológica na Área de Ensino, entendida como produtos e processos educacionais que possam ser utilizados por professores e outros profissionais envolvidos com o ensino em espaços formais e não formais. Produtos educacionais podem ser categorizados segundo os campos da Plataforma Sucupira como: (i) desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos); (ii) desenvolvimento de produto (mídias educacionais, tais como: vídeos, simulações, animações, videoaulas, experimentos virtuais, áudios, objetos de aprendizagem, ambientes de aprendizagem, páginas de internet e blogs, jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins.

De acordo com o trecho supracitado do APCN o PE adotado para esta pesquisa foram a cartilha e uma série de vídeos. O público-alvo para a pesquisa em questão são dois, a saber, docentes e intérpretes educacionais. O PE “Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais” por abarcar a questão da relação entre os dois públicos-alvo possuirá duas materialidades que estão em consonância, fechando assim a ideia de relação que ambos possuem. Possui o formato digital de uma cartilha em .pdf para os intérpretes.

O formato cartilha digital que pode ser impressa permitirá rápidas consultas sempre que os intérpretes acharem necessário.

Por outro lado, aos docentes foi produzida uma série de vídeos curtos que se ligam ao conteúdo da cartilha destinada aos intérpretes de Libras. O formato vídeo foi escolhido levando-se em consideração por se tratar de uma forma mais prática e atraente para os docentes se debruçarem sobre esse aspecto em sua formação. O formato de vídeo permite que eles possam ver e rever sempre que necessário e de acordo com sua disponibilidade os principais aspectos a serem levados em consideração ao atuar junto com o IE. Esses vídeos farão parte de uma curta formação continuada autoinstrucional em que ao final receberão uma certificação.

### **3.1 Roteiro para a produção da cartilha destinada ao intérprete de Libras.**

Cartilhas são materiais informativos e educativos sobre os mais diversos assuntos; dessa forma, devem-se considerar os seguintes aspectos em sua elaboração: adequação ao público-alvo; linguagem clara e objetiva; visual leve e atraente e fidedignidade das informações.

Para que a cartilha cumpra seu objetivo, é necessário que se estabeleça um diálogo profícuo com seus leitores. Para tanto, sua elaboração considerou-se a utilização de uma linguagem (verbal e imagética) que efetivamente se comunique com esse público-alvo.

Ao elaborar a cartilha, os autores e ilustradores devem considerar o perfil socioeconômico e cultural dos leitores. O tema da cartilha deve ser bem delimitado para que as informações não sejam superficiais e que sejam adequadas ao público-alvo. A variante linguística escolhida deverá considerar as necessidades de informação e perfil dos leitores.

Solicita-se evitar citações em excesso, porém, caso necessárias, utilizar citações indiretas.

Os autores e ilustradores devem considerar que o texto e as imagens/ilustrações precisam dialogar entre si, evitando o excesso de um elemento sobre o outro. Ademais, as imagens/ilustrações devem se adequar ao público-alvo. Para manter a qualidade editorial, as imagens devem apresentar alta resolução e serem coloridas.

As informações devem ser atualizadas, originais e mesmo se tratando de um

material informativo, a cartilha tem caráter educativo e deve se fundamentar em conhecimentos acadêmico-científicos.

### **3.2 Roteiro para produção da série de vídeos destinada ao docente**

O coração de uma produção em se tratando de uma série de vídeo é o roteiro. Os roteiros de videoaulas normalmente focam no aspecto explicador e de apresentação e, claro, se encaixam na categoria educacional.

A chave para o sucesso com os roteiros de videoaulas é ser breve e bastante visual. Afinal, informações concisas são mais fáceis de lembrar.

É importante que os vídeos sejam curtos e divididos em blocos gerenciáveis de informações para ajudar os docentes a reterem as informações.

Além disso, pode-se incluir recursos visuais relevantes para mostrar e dizer ao espectador o que está sendo explicado.

Após a etapa de montagem do roteiro é relevante a escolha prévia dos equipamentos necessários para a filmagem. Câmera digital, celular, tablet ou filmadora podem ser usados para a gravação do vídeo e a qualidade de imagem está relacionada com a escolha desse equipamento.

Em seguida é decidido quantos personagens e/ou narradores serão necessários para a execução da melhor forma do roteiro.

O próximo passo tem a ver com a escolha do cenário e objetos de cena: Pensar no local de gravação do vídeo com antecedência é indispensável. Bem como detalhes que incluem desde a decoração até as roupas, acessórios e maquiagens e como providenciar esse material.

Após a conclusão das gravações ocorre a etapa de edição. É o momento de juntar as partes ou até mesmo excluir algum trecho. Caso seja necessário algum trecho pode ser refeito. Essa etapa é feita sempre com o uso de *softwares* adequados. O *software* selecionado foi o *Filmora*, um conhecido programa de edição de vídeos. Os Quadros 11 e 12 abaixo mostram uma visão geral do PE para os intérpretes e para os docentes, respectivamente.

Quadro 11 - Visão geral do PE destinado aos intérpretes de libras

<b>Título</b>	“Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. - Orientações para o intérprete”
<b>Materialidade 01</b>	Cartilha
<b>Público-alvo</b>	Intérpretes que atuam com docentes em salas de aula com a presença de surdos.
<b>Objetivos</b>	Fornecer sugestões de práticas educativas para que intérpretes possam se preparar para sua atuação nas disciplinas em sala de aula, além de orientações para alinhamento com o docente regente da disciplina durante e após sua atuação.
<b>Conteúdos abordados</b>	A relação com a politecnia Contato prévio do IE com o docente. Atuação entre docente IE durante a aula. Feedbacks pós-atuação em sala de aula. Atuação em equipe. Banco de dados. Subsídios externos.
<b>Forma do conteúdo</b>	Textos formatados com linguagem apropriada ao público-alvo. Uso de imagens, tabelas e <i>hiperlink</i> / <i>Qr Code</i> com conteúdos que remetem a sites especializados e vídeos. Os vídeos mencionados serão os vídeos utilizados na materialidade destinada aos docentes bem como vídeos de outras fontes.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Quadro 12 - Visão geral do PE destinado aos docentes.

<b>Título</b>	“Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. - Orientações para o docente”.
<b>Materialidade 02</b>	Série de vídeos de curta duração.
<b>Público-alvo</b>	Docentes que atuam com intérpretes de Libras em salas de aula com alunos surdos.
<b>Objetivos</b>	Fornecer sugestões de práticas educativas para que docentes possam atuar em sintonia com o intérprete de



	Libras.
<b>Conteúdos abordados</b>	Objetivos e relação com a politecnia. O aluno surdo e a Libras. O IE Contato prévio do docente com o IE. Atuação entre docente e IE durante a aula. Feedback pós-atuação em sala de aula.
<b>Forma do conteúdo</b>	Série de vídeos curtos abordando os temas supracitados ao mesmo tempo que estão em sintonia com a cartilha destinada aos intérpretes de Libras.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

### 3.3 Finalidade

A finalidade do PE “Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes de Libras” é propor práticas educativas que coadunem a atuação entre os docentes e intérpretes de Libras. Isso significa que essas práticas incentivarão os docentes a não só conhecer as especificidades dos intérpretes de Libras, como a sua prática de ensino estará mais assertiva para alcançar os discentes surdos em sala de aula.

Por outro lado, as práticas educativas sugeridas aos intérpretes os instigarão a ter instrumentos que favoreçam sua preparação para atuar de forma atenta com o docente em sala de aula. Esses instrumentos deixarão os intérpretes munidos de várias estratégias para lidar com diversos perfis de docentes e conteúdos que serão expostos. Essas práticas pedagógicas favorecem as escolhas tradutórias de que os intérpretes tanto necessitam para que possam levar as informações para a língua de sinais. Dessa forma a relação entre docentes e intérpretes de Libras oportuniza que os alunos surdos possam realizar sua travessia na EPTNM por meio de uma formação politécnica.

Esse produto se faz necessário ser utilizado na EPTNM pois a prática diária dos intérpretes de Libras nos diversos âmbitos bem como os docentes são semelhantes a outros contextos educacionais fora da EPTNM como por exemplo em Universidades Federais. Após verificação no banco de dados BDTD e o Observatório ProfEPT identificou-se que não há pesquisas semelhantes que abordam os aspectos da relação entre docentes e intérpretes de Libras na EPTNM o que configura um

campo novo para aplicação desse produto educacional e sendo assim constitui uma lacuna a ser preenchida pelos desdobramentos desta pesquisa.

### **3.4 *Locus* de aplicação**

O PE foi aplicado no curso de química da EPTNM no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) em que há um aluno surdo matriculado.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

### 4.1 Caminho da Análise Textual Discursiva (ATD)

Os subsídios desta pesquisa foram levantados pelo método de Análise Textual Discursiva (ATD). Conforme detalhado no item 2.4.5 após as etapas descritas, tem-se a seguinte organização das categorias e subcategorias de análise, descritas no Quadro 13 abaixo:

Quadro 13 - Organização das categorias e subcategorias

Categoria	1.0 Pré-demanda em sala de aula	
Subcategoria	1.1 Reunião prévia entre docente e IE	Perspectiva Intérprete Educacional
	1.2 Envio de subsídios	
	1.3 Preparação	
	1.4 Trabalho em equipe	
Subcategoria	1.5 Envio de subsídios	Perspectiva Docente
	1.6 Preparação	
	1.7 Trabalho em equipe	

Categoria	2.0 Atuação durante a aula	
Subcategoria	2.1 Interrupções	Perspectiva Intérprete Educacional
	2.2 Adaptação	

	2.3 Trabalho em equipe	
	2.4 Apoio entre a dupla de IE	
Subcategoria	2.5 Interrupções	Perspectiva Docente
	2.6 Esforço Cognitivo	

Categoria	3.0 Atuação Pós-demanda sala de aula	
Subcategoria	3.1 <i>Feedback</i>	Perspectiva Intérprete Educacional
	3.2 Registro/documentação	
Subcategoria	3.3 <i>Feedback</i>	Perspectiva Docente

Categoria	4.0 Produto educacional	
Subcategoria	4.1 Direcionado aos IE	Perspectiva Intérprete Educacional
Subcategoria	4.2 Direcionado aos docentes	Perspectiva Docente

Abaixo segue a análise dos metatextos de acordo com as categorias e

subcategorias divididos nas perspectivas do IE e do docente.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.1 Subcategoria - Reunião prévia entre docente e IE

É de extrema importância que o IE tenha acesso prévio ao docente com quem irá atuar. Negociações e acordos só ocorrerão mediante conversa com o docente. O IE precisa conhecer o contexto do docente (sua formação, áreas de interesse, formas de como se expressa, sua metodologia e didática), também conhecer suas expectativas e realidades para realizar adequações a sua performance em sala de aula.

A negação dessa percepção transforma o IE num robô capaz de ser colocado em qualquer contexto sob qualquer circunstância e mexer as mãos, diferentemente disso, Santod (2020) afirma que os IE não são robôs, pois não executam uma performance mecânica sendo necessário que façam reflexões acerca das informações que recebem em uma língua trazendo um significado e contextualizado para a língua-fonte. Sobre o contato prévio com os docentes os IE expuseram:

É na hora então já vou direto para sala no momento da minha atuação então chego na sala me apresento ao professor. Depois de encerrada a aula, faço uma breve apresentação novamente e explico que precisamos ter um diálogo, uma comunicação e detalho o meu trabalho **(IE01)**.

Não. Eu nunca fiz porque geralmente há um problema de comunicação no Instituto quando começa as aulas não sabemos ainda onde vamos atuar por isso não tem um encontro prévio com o docente. Eu aproveito um pouco antes da aula para me apresentar e falar um pouco dos aspectos do nosso trabalho **(IE02)**.

Não. O primeiro contato por exemplo ocorre no primeiro dia que eu chego à sala de aula e nesse momento converso com o professor e a partir daí eu combino com ele um dia e horário para conversar com ele fora de sala de aula a fim de explicar um pouco mais sobre o meu trabalho. É assim porque a própria instituição não me passa as informações previamente **(IE03)**.

Normalmente não por conta das muitas obrigações dos docentes. Eles atendem várias turmas então estavam sempre muito ocupados e nunca conseguia uma reunião prévia **(IE04)**.

Percebe-se a unanimidade em afirmar a dificuldade em ter um contato prévio

com o docente. Isso resulta ora por falta de comunicação dos atores responsáveis pelo ensalamento dos professores que não repassam a informação de onde tal docente vai ficar bem como qual IE vai acompanhá-lo ou por conta das inúmeras atribuições de docente, nesse sentido ambos motivos não podem ser utilizados como justificativa. Em decorrência disso o IE chega de imediato à sala de aula e de forma abrupta sem conhecer o docente. De imediato já inicia sua performance, o que provavelmente possa já impactar em sua atuação bem como e na recepção pelo docente que ainda possivelmente desconhece o motivo do IE estar ali ao seu lado o que causa estranhamento por parte docente.

Situações como estas impactam negativamente em ambos os profissionais e em decorrência disso, os sujeitos surdos podem ser prejudicados pelo desalinhamento entre docentes e IE.

As reuniões prévias são imprescindíveis, uma vez que neste momento crucial o IE sana dúvidas pertinentes que o professor traz sobre como trabalhar lado a lado com o IE, como a dinâmica de aula deve fluir, quais tipos de materiais podem ser sugeridos nas aulas e como eles podem ser adequados à realidade surda e sobre a Libras.

Tão importante quanto estar atento às informações que o IE observa enquanto está imerso em sala de aula, é ter segurança da compreensão do que se ouve. Conforme Santos (2022), o IE constrói a todo momento sentidos a partir da fala de outra pessoa este processo pode se tornar angustiante e como a autora menciona arriscado, pois pode prejudicar a compreensão do aluno surdo que é o público alvo a que se destina a interpretação de Libras. Por isso é imprescindível a reunião prévia com os docentes em que é levantada uma seleção de aspectos inerentes à atuação do intérprete de Libras com os docentes. Neste momento crucial pode-se perguntar sobre até que ponto o docente conhece os aspectos relacionados à Libras, à comunidade surda bem como suas especificidades e não menos importante sobre acordos e negociações que o IE precisa fazer durante sua performance em sala de aula. Adicionalmente precisam ser abordados aspectos que abrangem não somente os conteúdos repassados em sala de aula, mas também como é a didática do docente, sua metodologia e os subsídios que ele irá utilizar nas aulas ainda a serem ministradas. Além disso, pode-se alertar ao professor sobre a realização de possíveis interrupções da aula por parte do IE sempre que se deparar com a incompreensão de

algum aspecto da aula e que por sua vez possa impactar o aluno surdo.

A ementa do seu da sua disciplina você poderia me enviar o plano de aula da sua disciplina né e se possível né os slides das suas aulas né então normalmente os slides ele não tem eu vejo que eles fazem muito lá todo tempo na hora os slides então que é sempre me é enviado é a ementa da disciplina e o plano de aula da disciplina e aí a gente começa a falar como é que vai ser ele dá uma até uma breve explicação vai ser uma aula eu costume usar muito o projetor né ou então você precisa usar ou não enfim mas para mim a pré-demanda isso a minha pré-demanda ..... hoje eu penso que facilitou muito porque eles estão usando aquele aplicativo Google sala de aula **(IE01)**.

falo um pouco dos aspectos do nosso trabalho (02:29) **(IE02)**.

Como já foi a primeira aula geralmente já explica o plano então pego esse plano às vezes no próprio google sala de aula e vou olhando e vou as coisas dele para saber tudo que ele vai desenvolver os conteúdos pra saber como vai ser a aula dele se ele vai fazer seminário que vai ser explicação dele que vai ser desenvolvido pelo aluno. Tudo isso ele vai me explicando eu já vou entendendo **(IE03)**.

Conforme salientado pelos IE acima em unanimidade, ambos solicitam o plano de aula o qual tem sido muito utilizado porque traz o andamento de como as aulas ocorrerão, isso permite ao IE fazer seus aprofundamentos nos temas que serão abordados como também é uma estratégia para possíveis dúvidas, o que o favorece estar por dentro dos subsídios que serão utilizados pelo professor em sala de aula. Por conta da dificuldade em realizar a reunião prévia com o docente da disciplina em questão, o primeiro contato acontece já no primeiro dia de atuação do IE com o docente em sala de aula. Esse é o momento de, além de explicar as especificidades dos IE e do aluno surdo também é salientado que os docentes a compartilhem com antecedência os materiais que subsidiarão as aulas. Conforme já citado anteriormente pode ser abordado as especificidades dos alunos surdos a importância de se explorar os aspectos visuais das informações tal como o uso de legendas de Libras nos materiais como vídeos. Imprescindível também explicar como funciona a atuação ao lado do IE, como por exemplo adiantar ao professor a importância de repassar algum material pois a preparação prévia dá mais segurança ao IE e consegue solucionar possíveis dúvidas tradutórias e até mesmo dirimir dúvidas sobre determinados assuntos. Acertar com o docente sobre alguma possível interrupção para dirimir alguma dúvida e retomar a interpretação em sala de aula além da escolha da melhor

posição para interpretação a depender do local e da velocidade das aulas.

Tal momento prévio com o docente tem um lugar importante como prática educativa do intérprete porque conforme Santos (2022), menciona que mesmo com a presença de IE muitas das vezes os docentes realizam poucas mudanças de postura e isso causa um significativo embaraço na atuação do IE e, em decorrência, reverbera na compreensão do aluno em relação às informações repassadas em sala de aula. Nesse sentido, a prática educativa do intérprete de se reunir com o docente de forma prévia servirá para atenuar futuros entraves durante o ano em que essa parceria irá se desenrolar.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.2 Solicitação de subsídios

Eu costumo solicitar de início na aula inicial a ementa e o plano de aula. Também costumo solicitar slides, provas e atividades avaliativas também textos que ele vai trabalhar com os alunos. (IE01)

Solicito estudar os slides ou o texto que eles vão usar né pra aula se ele vai passar algum vídeo ou alguma mídia eu procuro ter acesso antes abordado a primeira temática no próximo ponto na próxima aula eu começo a me preparar naquele sentido né eu pego até mais eu faço pesquisas de internet no YouTube para que eu possa entender o assunto senão eu não consigo me preparar para a aula não consigo me preparar aí não tem essa preparação **(IE02)**.

Eu solicito o material que ele tem disponível mas a maioria das vezes eu gosto mais de trabalhar com os slides tem mais a ver com as aulas que ele vai explicar. E aí eu já consigo ver que parte eu não estou seguro e já consigo ir atrás dessas informações. Peço o assunto do que o professor ia passar muitas vezes eles usavam vídeos também às vezes usava outras coisas para ensinar os alunos né então eu **(IE03)**.

Eu faço pesquisas paralelas ao assunto em fontes como Youtube ou em outros sites. Procuro ver o que já tem disponível em língua de sinais **(IE04)**.

Em totalidade os IE solicitam os materiais que subsidiarão as aulas. Dentre os materiais solicitados podemos destacar: ementa da disciplina, o plano de aula, slides, atividades avaliativas além de textos que serão utilizados em sala de aula, vídeos e outro tipo de mídia.

Como práticas educativas, os IE mencionam que podem realizar pesquisas na internet em plataformas como o *Youtube* ou em outros sites em que procuram



assuntos semelhantes para aprofundamento de conteúdo e para apropriação do assunto, além de compreender os conceitos mais pertinentes de determinado assunto que será abordada em uma determinada aula.

Nota-se que essa em si é uma excelente estratégia. No entanto, quando o docente não disponibiliza o material e o IE procura algo semelhante na Internet ele de fato estará se preparando por se apropriar dos assuntos, mas corre o risco de que determinado assunto estudado não seja abordado ou nem mesmo tangenciado em sala de aula por isso se faz imprescindível que aconteça a negociação de repasse dos subsídios das aulas aos IE por parte dos docentes.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.3 Preparação

Eu faço meu tempo de preparação em um ambiente cedido pela instituição, mas é difícil se concentrar por conta do ambiente no caso os ruídos que têm ao redor. Eu costumo me preparar de início com a ementa e o plano de aula e depois vou solicitando os demais materiais do docente **(IE01)**.

Utilizo bastante os slides para eu me preparar. Faço uma leitura geral depois eu vejo os possíveis entraves linguísticos que eu posso desconhecer referente aos conceitos. Se eu não tiver acesso aos materiais eu procuro ver vídeos sobre o tema. Isso funciona muito porque me dá embasamento consigo compreender melhor o assunto **(IE02)**.

Assim que recebemos acesso às informações antes de começar o semestre já vou atrás e eu pesquiso mesmo na barra de pesquisa do **Google** em sites especializados em fontes de vídeos como o *YouTube* **(IE03)**.

A IE 01 apontou que possui tempo de preparação, mas este ocorre em um local que não é privativo para fomentar isso. Tal ambiente é compartilhado com outros atores educacionais em que ocorre ruído e o ambiente por fim não favorece a preparação antes da atuação em sala de aula.

Os IE 02 e IE 03 mencionaram que após serem informados da demanda e da disciplina em questão de imediato iniciam a preparação para atuar em sala de aula. Realizam no caso a pesquisa em sites e plataformas na internet, como o *Youtube*. Os vídeos pesquisados são relacionados aos possíveis conteúdos que serão abordados ao longo do ano. Observa-se que ainda é uma preparação até certo ponto genérica

uma vez que ainda não se tem com exatidão os conteúdos que de fatos serão abordados na sala de aula. Mesmo assim, a preparação embasa o IE a ponto de ter mais segurança na sua performance interpretativa em sala de aula. O momento de preparação é crucial para o IE pois de acordo com o que diz Santos (2022), denomina o acesso prévio como uma forma de planejamento em que o IE pode fazer um estudo dos conceitos que desconhece, realizar buscas referentes ao repertório lexical do assunto em questão constituem uma etapa imprescindível para a atuação em sala de aula e conseqüentemente para que o aluno surdo possa ter acesso às informações exatas.

Para Bakhtin (2006), a linguagem é permeada por aspectos ideológicos que vão condicionar a uma produção verbal oral. Essa ideologia é o reflexo das estruturas sociais, então se há uma mudança na ideologia daquela classe social haverá também uma mudança na linguagem daquela sociedade por exatamente a língua refletir a ideologia daquela classe, daquela sociedade em si. Pode-se dizer que a análise linguística de Bakhtin (2006) representa um falante real ideológico inserido social e historicamente e utiliza a linguagem para se comunicar com o outro. Comunicação não é simplesmente dizer algo sem uma intenção sem objetivo. Toda a palavra comporta duas faces tanto que é determinada por que procede de alguém para outro com a função também de persuadir. Nesse sentido, o IE ao estar inserido nessa situação de comunicação social com intérprete necessita conhecer as ideologias que transitam nela por meio de sua preparação prévia que dá segurança para intermediar as informações entre o docente e os alunos surdos.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.4 Trabalho em equipe.

Eu costumo ter sim trocar com o outro intérprete que atua comigo em sala de aula. Eu costumo ter esse feedback essa troca, às vezes acontece muito na hora ali enquanto ele está atuando. Quando estou atuando e eu não sei um sinal ou eu não lembro o sinal eu já peço ali do meu parceiro e ele já me passa esse sinal é assim que fazemos as trocas. Também costumamos realizar um feedback de informações na sala de aula entre nós que estamos atuando. Também depois que termina a aula se tiver tempo conversamos ainda sobre o assunto o que trouxe mais dificuldade nesse conteúdo ou até preenchermos alguma lacuna do assunto que não entendemos **(IE01)**.

Atuamos em dupla e sobre trocas realizamos bem pouco por conta que nem

todos os professores passam material **(IE02)**.

Atuamos sempre em dupla, nunca atuamos sozinho. As trocas acontecem durante a aula e também depois dela. Repassamos os sinais que sabíamos e procuramos descobrir os desconhecidos, sempre fazemos essa troca e sempre aprendemos novos sinais que podíamos até mesmo ajudar em outras disciplinas ou até mesmo em outro contexto **(IE04)**.

Um dos benefícios do trabalho em equipe pode-se afirmar que é a possibilidade de uma padronização dos sinais, o que gera uma coerência entre os significados facilitando o trabalho de interpretação. Uma vez que um IE da equipe resolve uma dúvida tradutória pode compartilhar com os demais, caso passem pela mesma situação.

Os interlocutores acima apontaram que realizam as trocas e isso constitui um aspecto relevante para a atuação dos IE na instituição. Um deles mencionou que fazem pouca preparação pelo motivo do docente quase nunca repassar os subsídios, mesmo nessa circunstância é possível haver trocas por meio da preparação com estudo focado em conteúdos semelhantes o que pode ajudar a atenuar as dúvidas tradutórias

## Perspectiva Docente

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.5 Preparação.

Não recebi nenhum tipo de orientação nem mesmo formação continuada, nada absolutamente nada de orientações quando fui alocado numa turma com aluno surdo. A primeira coisa que procurei fazer é como é que era o procedimento para dar aula para um aluno surdo porque essas orientações de como o docente deve proceder em relação ao aluno surdo e em relação ao intérprete elas estão chegando agora. Quando eu falo agora eu estou falando de 2022 para cá. Em 2019 quando tive essa primeira experiência no Instituto com aluno surdo e intérprete não veio nenhum tipo de orientação sobre qual deveria ser o nosso procedimento em relação à figura do aluno surdo e a figura do intérprete **(D01)**.

Nota-se novamente no depoimento do docente a franca afirmação sobre a falta de orientações que possam propiciar sua preparação para dar início ao seu trabalho com as turmas com alunos surdos e intérpretes em sala de aula.

Isso acaba conseqüentemente forçando o docente a lançar mão de estratégias e metodologias que não correspondam às especificidades do aluno surdo e por conseguinte não favoreça a atuação do IE em sala de aula.

O docente que atua com IE em sala de aula com aluno surdo também passa por dificuldades sérias que impactam de forma grave o andamento das aulas com o aluno surdo e por conseguinte na relação com o IE.

No relato supracitado, observa-se que o docente recebeu o mínimo de informações da instituição sobre como lidar com o aluno surdo. Essas informações poderiam ser uma fonte enriquecedora pois poderiam versar sobre como é o aprendizado de um aluno surdo, quais tipos de metodologia se aplica melhor em uma sala de aula com a presença de alunos surdos e ouvintes, aspectos relacionados à surdez e bem como as especificidades da Libras. E mais impactante ainda é que por vezes ainda nem é esclarecido ao docente que ele terá ou não a presença do IE e informações sobre como atuar com ele.

## Perspectiva Docente

### 1.0 Categoria - Pré-demanda em sala de aula

#### 1.5 Envio de subsídios

Sobre a importância de previamente compartilhar os subsídios, (materiais que serão utilizados pelos professores em sala de aula, slides, livros, textos digitais ou impressos, áudios, músicas, filmes ou similares), com os intérpretes, o interlocutor docente frisou:

Sim geralmente com quarenta e oito horas como diz o regimento da instituição compartilho os materiais. Isso é minoria dos professores que fazem isso. A maioria não repassa e eu sempre falo para os intérpretes que é necessário que conversem com o docente pedindo que haja essa antecipação de passagem de conteúdo justamente porque quem perde no final das contas é o aluno o grande prejudicado. Se por acaso houver um conceito que o intérprete não conheça pode se tornar uma interpretação extremamente difícil pois acaba se tornando abstrato para o intérprete quanto também para o aluno surdo. O assunto pode até nem fazer parte do universo do aluno. Como uma vez eu ministrei uma aula para uma aluna surda e ela desconhecia totalmente o que era um vulcão e nunca nem tinha visto um. Então é extremamente necessário a passagem do conteúdo de forma antecipada para o intérprete **(D01)**.

O docente reconhece que pode haver incompreensão do assunto por parte do IE, o que com certeza dificulta a interpretação do assunto e isso reverbera também na compreensão por parte do aluno surdo.

É importante que todo o grupo de docentes possa fazer do repasse uma prática recorrente pois o IE atua em diversas disciplinas e obviamente em diversos temas diferentes o que necessita que o IE receba a oportunidade de fazer o devido preparo para sua atuação. O docente menciona que já há uma espécie de protocolo para o repasse das informações que impulsiona e fomenta que o IE possa ter o tempo necessário para sua atuação.

### Perspectiva Intérprete Educacional

Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

Subcategoria - 2.1 Interrupções

Na hora da aula eu já falo de forma respeitosa com o professor que está muito rápido e que não estou compreendendo daí ele explica novamente e eu vou me comunicando com o docente. Sinto assim uma harmonia, uma comunicação bacana, tanto que consigo realizar trocas com o docente de imediato. Quando vejo ser necessário peço para o professor explicar que não entendi e informo que está me atrapalhando porque não estou conseguindo realizar a interpretação **(IE01)**.

Aviso que não está fluindo e não está dando certo e tentamos resolver a situação. Já aconteceu de ser difícil a compreensão então peço para ele explicar novamente. Também já ocorreu do professor falar muito baixo ou rápido e em seguida já peço para ele falar mais devagar e alto. No início, tinha muito desconforto, mas agora parece que eu já me acostumei a fazer isso. Essas situações são mais frequentes no início do ano porque ficamos meio constrangidos para não ficar um clima com a pessoa principalmente quando é um docente que já tem muitos anos de casa, mas agora não tenho mais isso porque procuro ter um diálogo com o ele. Daí o próprio professor já pergunta se está indo muito rápido e se pode ir mais devagar, já há essa comunicação, hoje, conseguimos dialogar **(IE03)**.

Normalmente informo ao professor e aviso para ele que não estou conseguindo entender também se ele pode explicar novamente. Eu interrompo assim que eu percebo que não estou compreendendo **(IE04)**.

Em sala de aula, docente e IE precisam estar em harmonia para repassar as informações para os alunos surdos. Tacitamente isso implica que qualquer circunstância que afete a compreensão do IE afeta o processo de interpretação. Nesse sentido, o IE necessita realizar uma interrupção, o que pode se perceber como algo positivo, pois a finalidade é justamente retomar a compreensão do que está sendo dito.

Muitas circunstâncias podem fazer o IE realizar a interrupção, os

interlocutores acima apontaram situações nas quais o docente fala muito rápido ou muito baixo. Pode ser incluir também ruído externo, baixa iluminação, movimento de alunos próximo ao aluno surdo ou ao intérprete de apoio dentre outros.

#### Perspectiva Intérprete Educacional

Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

Subcategoria - 2.2 Adaptação

Assim já aconteceu com respeito a realização de provas e avaliações. Alguns aceitam adaptar fazer uma prova mais sucinta com questões abertas, questões fechadas de múltipla escolha.

Alguns aceitam e outros não. Há professores que são bem interessados nessa área, nessa questão usam vídeos com legenda em português e em Libras. Os materiais usados em sala de aula, assim de certa forma, acabam contemplando não apenas os alunos surdos, mas os ouvintes também **(IE02)**.

Já ocorreu uma vez em uma disciplina que a professora queria que os alunos lessem um texto utilizando apenas um livro. Outro professor da mesma disciplina que inicialmente iria usar dessa mesma estratégia e de antemão falei ao professor da dificuldade que já havia sido porque com a outra professora por ter usado apenas um texto em português e lembrei das dificuldades que o aluno surdo tinha. Mesmo explicando ela se mostrou resistente **(IE03)**.

As adaptações de materiais ou de metodologias são necessárias por parte do docente pois muitas vezes desconhecem as especificidades dos alunos surdos, da Libras e do IE. Isso acaba por se tornar um dos maiores entraves na educação de surdos. Nesses casos, os IE podem sugerir soluções que venham a favorecer não somente a sua atuação como também a compreensão dos alunos surdos. Essa intervenção muitas das vezes é feita pelo IE. Conforme os interlocutores expuseram, às vezes, se faz necessário informar ao professor desse entrave e os docentes podem tanto acatar o que favorece o trabalho do intérprete, quanto não o que causará dificuldades na atuação do IE e por extensão afetará a compreensão do aluno surdo.

#### Perspectiva Intérprete Educacional

Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

Subcategoria - 2.3 Trabalho em equipe

Faz muita diferença atuar em equipe porque influencia na qualidade do meu trabalho, do contrário cai a qualidade do meu trabalho. Tem a questão da parte física e mental de você ter um apoio. Durante a atuação em sala de aula

pesquisamos palavras e os possíveis sinais correspondentes. O intérprete que está no apoio já verifica em algum banco de dados como o YouTube ou outras fontes. Realizamos muitas pesquisas ali. Temos mais qualidade em equipe **(IE01)**.

Além do cansaço físico e mental que temos ao atuar sozinho, a equipe estimula uma preparação para a disciplina. Pesquisamos uma terminologia junto com nosso parceiro e em seguida podemos resolver a dúvida tradutória **(IE02)**.

Faz muita diferença atuar em equipe porque nos sentimos com apoio e atuamos melhor. Eu costumo levar um notebook para acompanhar os slides a que o professor já tinha me enviado antes e assim consigo dar apoio de uma forma melhor para o parceiro intérprete. Então imagina você sozinho sem apoio nenhum fica com certeza mais desafiador **(IE03)**.

Faz muita diferença atuar em equipe normalmente quando eu atuo sozinho perco a qualidade da interpretação porque eu canso muito rápido. Há estudos que apontam que uma atuação longa sem revezamento dá fadiga e cansaço o que interfere na minha interpretação **(IE04)**.

Os interlocutores externam os benefícios do trabalho em equipe, os quais associam de imediato a melhora na qualidade da interpretação em sala de aula. Isso decorre pelo fato de o IE atuar sempre em contextos diferentes em sala de aula conforme se explica a seguir.

Os alunos possuem em média quinze disciplinas no ensino médio integrado, ou seja, quinze diferentes áreas do conhecimento, o que demanda pelo menos quinze docentes diferentes. Cada um domina sua respectiva área do conhecimento. Um IE em turma com aluno surdo atravessa todas as quinze disciplinas sendo que ele deve atender a todas elas. Isso torna desafio o trabalho de um IE, mais do que isso um IE atuando sozinho teria provavelmente muitas perdas de compreensão por não haver o suporte um outro IE, por repassar informações secundárias que o IE da dupla que atua que às vezes não capta a informação, além que o IE de apoio repassa sinais ou tira dúvidas que surgem no momento da interpretação. Por essa breve análise já se consegue entender por que todos os IE mencionaram a questão da melhora da qualidade da interpretação. Além de obviamente não desgastar física e mentalmente o IE, pois isso é um outro fator que impacta a performance de interpretação e conseqüentemente na compreensão do aluno surdo.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

#### Subcategoria - 2.4 Apoio entre a dupla de IE

Faz toda a diferença um trabalho em equipe..... a questão de receber apoio geralmente eu direciono o olhar quando eu não entendo alguma expressão ou eu não sei algum sinal eu olho discretamente para o meu apoio e ele me passa quando ele sabe. Ele me passa e nessa questão de eu passar o apoio geralmente eu tento perceber quais são as dificuldades do intérprete que está atuando no momento sendo que ele não pegou uma data ou uma outra informação eu consigo perceber pela expressão facial dele que ele perdeu aquela informação e ela é relevante daí eu passo para ele aquela informação se ele não sabe algum sinal eu passo também utilizo as expressões do olhar para fazer as trocas **(IE02)**.

Tem uma questão importante por exemplo da estrutura da sala: se ficarmos ficamos em uma localização ruim devemos combinar com o aluno e com a minha dupla onde podemos ficar. Então assim tem aluno que prefere que eu fique de lado tanto para longe quanto para ele e tem aluno que eu fique de costas pra lousa de frente para o aluno. Daí ficamos uma posição que também possa permitir que minha dupla possa dar suporte para minha atuação e que ao mesmo tempo consigamos prestar atenção no professor e também ver o feedback do aluno surdo **(IE03)**.

O trabalho em equipe nos organizamos assim ficamos de frente um para o outro na sala de aula daí eu conseguia perceber algum sinal ou de algum suporte quando ele precisava de alguma coisa justamente pela expressão que o meu colega intérprete fazia na hora a gente consegue perceber **(IE04)**.

Os IE acima destacaram uma ação frequente decorrente do trabalho em equipe que são as chamadas trocas/apoio. Elas constituem um elemento imprescindível no trabalho dos IE pois permite a agilidade na resolução de problemas tradutórios. Sobre os tipos de apoios, Nogueira *et al.* (2016) nos apresenta sete tipos de apoio dos quais os intérpretes mencionaram o que ele classifica como *Feedback positivo com a cabeça* e *Confirmação* ambos usados por meio de um balanço de confirmação que serve de garantia de que o intérprete que está atuando está devidamente repassando as informações corretamente sem perdas.



## Perspectiva Docente

Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

Subcategoria - 2.5 Interrupção

É bom e é necessário porque tanto o intérprete quanto para o docente porque estão focados no aluno que é o alvo, qualquer falta de diálogo entre ambos quem perde é o aluno então se por acaso eu falei um termo que o intérprete não entendeu o que ele tem que fazer? Ele tem que interromper mesmo o professor. Isso tudo implica na relevância de repassar os conteúdos como intérprete antes e o docente deve ver de bom grado a interrupção momentânea da aula motivada por alguma incompreensão do intérprete (D01).

O relato do docente acima corrobora para a compreensão do docente por parte das interrupções realizadas pelo IE sempre que este por algum motivo/fator não compreende o que está sendo dito, o que afeta também a compreensão do aluno surdo. É importante que esta interrupção seja esclarecida ao docente em que o objeto principal é eliminar o gargalo que acarreta na incompreensão e em seguida restabelecer a atividade de interpretação pelo IE.

## Perspectiva Docente

Categoria - 2.0 - Atuação durante a atuação em sala de aula

Subcategoria - 2.6 Esforço Cognitivo

Sim, já houve situações que enquanto o intérprete está atuando fazendo a interpretação outra pessoa no caso um aluno ouvinte faz uma pergunta e às vezes ao mesmo tempo o aluno surdo também se expressa então o intérprete obviamente não consegue interpretar todas essas pessoas ao mesmo tempo. Desta forma, é um esforço mental cognitivo interpretar entre duas línguas, transformar uma informação numa língua em outra. É impossível ele interpretar duas pessoas falando em português ao mesmo tempo, as pessoas tem que falar uma por vez.....Os alunos em média têm dezessete disciplinas não tem como o intérprete ter o conhecimento específico das dezessete áreas do conhecimento. Ninguém tem essa possibilidade então, se por acaso não houver o repasse das informações, muito do conteúdo vai ser perdido e mesmo que seja transmitido previamente e caso ainda tenha dúvidas não conseguir interpretar ele pode fazer uma pesquisa ou tirar dúvida com o professor (D01).

Acima, o excerto da fala do docente demonstra o reconhecimento da intensa atividade mental que requer da mesma forma um intenso esforço cognitivo que é o ato de interpretar. O IE recebe as informações em língua portuguesa e precisa recodificar a informação retendo os sentidos e colocando uma nova roupagem em

uma outra língua, neste caso a Libras, língua de estrutura gramatical e modalidade diferente da língua portuguesa. Após a informação ser reconfigurada mentalmente é expressa em língua de sinais.

Esse processo é prejudicado caso haja duas fontes simultâneas em língua portuguesa uma sobrepõe a outra, o que dificulta a recepção da informação. Isso é relatado pelo docente o que dificulta sobremaneira o processo de interpretação do IE.

A todo momento o IE necessita fazer escolhas tradutórias, o que pressupõe que ele tenha feito uma preparação adequada para atuar nas mais diversas áreas do conhecimento. Tal fato requer do intérprete uma flexibilidade para transitar nos mais diversos temas em sua atuação, o que também causa sobrecarga cognitiva. Isso dentre outros fatores corrobora para que o IE receba as informações por parte do docente a fim de realizar sua preparação necessária para sua atuação.

## Perspectiva Intérprete Educacional

Categoria - 3.0 - Atuação pós-demanda sala de aula

Subcategoria - 3.1 Feedback

O que acontece, às vezes, é o professor que pergunta se tudo ocorreu bem, se tenho alguma sugestão e caso eu tenha já dou feedback porque o tempo das aulas é bastante curto e o professor sai de uma disciplina e logo já vem outro professor e acabamos não tendo realmente uma pós-demanda. Eu considero relevante porque os docentes já têm uma abordagem do que vai ocorrer na sala de aula e mesmo que nos passem o conteúdo podemos ter alguma dificuldade de compreensão além dúvidas tradutórias por isso fazer a pós-demanda é necessário **(IE01)**.

Geralmente faço no início bastante nas primeiras aulas. Eu compartilho algumas dificuldades e construo com ele algo em que podemos melhorar. Eu comunico para ele se tiver alguma dificuldade **(IE03)**.

Normalmente por não ter como fazer como eu falei para esse professor tá muito ocupado, às vezes a gente tinha outras demandas também né então a gente nunca conseguia dar fazer a pós demanda **(IE04)**.

A pós-demanda não se constitui propriamente uma reunião formal, e sim mais um breve feedback para reforçar algo positivo que foi previamente combinado e se mostrou adequado ou rever aquilo que não se adequou. Após o término da aula é de conhecimento que os professores muitas das vezes precisam se deslocar para outras turmas ou o próximo professor da disciplina já deve logo entrar fazendo com que esse momento seja pontualmente objetivo.

## Perspectiva Intérprete Educacional

### Categoria - 3.0 - Atuação pós-demanda sala de aula

#### Subcategoria - 3.2 Registro/Documentação

Eu costumo registrar os sinais específicos que eu utilizo ao longo do ano para me ajudar nas minhas próximas atuações. Eu tomo nota também dos termos em português e também em inglês pra eu aprofundar depois no meu caderno **(IE01)**.

Isso não acontece porque essa questão da documentação é extremamente importante, mas ainda não há uma documentação propriamente dita. Acredito que mais pra frente possa haver uma conscientização dessa necessidade e haverá sim essa documentação que servirá de apoio para os intérpretes daqui **(IE02)**.

Sei da importância de fazer o registro dos sinais que utilizamos, mas pessoalmente nunca consegui fazer na instituição **(IE04)**.

Conforme observa-se no relato dos IE, a organização de um registro equipe ainda não é feita e nem é unânime a realização dele a nível pessoal. Fica registrado ainda as sugestões para a implementação a posteriori desse registro.

O registro/documentação do que os IE utilizam para se preparar para as demandas é importante, porque uma vez que os IE atendem determinada disciplina bastante estudo prévio é realizado o que inclui não só compreender os conceitos mas também a convenção de sinais e até uma ampla investigação na internet para verificar se já há sinais específicos reunidos em algum tipo de glossário ou banco de dados similar.

Uma vez que isso é feito os registros são armazenados e sempre que os IE se depararem com esses mesmos conceitos ou para simples revisão podem ser facilmente acessados, o que não demanda um novo esforço para refazer a pesquisa. E possibilita que a energia seja gasta com aprofundamento dos conceitos, talvez algum possível ajuste ou complementação ou a realização de outras pesquisas de outros assuntos. Com o passar do tempo se torna um arcabouço bastante relevante para toda a equipe.

## Perspectiva do docente

### Categoria - 3.0 - Atuação pós-demanda sala de aula

#### Subcategoria - 3.3 Feedback

É mais difícil fazer após-demanda. Acontece no meu caso no transcorrer da aula porque geralmente já sai de uma sala já corre para outra não tem tempo hábil para isso são quarenta/cinquenta minutos de aula costuma ser dois tempos de cinquenta mais ou menos uma hora e quarenta. Eu costumo perguntar ao intérprete se ele tem alguma dúvida e tentamos resolver **(DO01)**.

É essencial isso deveria ocorrer como proposta no início de cada semestre quando existem as reuniões pedagógicas se por acaso haver naquela sala aluno surdo na reunião pedagógica era para o intérprete porque naquela reunião pedagógica o intérprete poderia dar previamente todas essas orientações para docente de melhorar a aula dele estratégias pedagógicas né formas didáticas mais inteligíveis para aluno surdo só que isso não acontece esse contato esse encontro ele basicamente só existe no transcorrendo aula não existe nem antes nem existe depois **(DC01)**.

O interlocutor acima afirma da importância em realizar a pós-demanda o que ao mesmo tempo reconhece a dificuldade em realizar devido o pouco tempo disponível entre as aulas. Como estratégia consulta o IE durante a aula sempre que necessário para saber se ele está compreendendo o que além de fornecer segurança ao IE mostra ao docente que suas informações estão devidamente sendo transmitidas ao surdo por meio do IE.

#### Perspectiva Intérprete Educacional

Categoria - 4.0 - Produto Educacional

Subcategoria - 4.1 Direcionado ao IE

Se tivesse esse material hoje, eu faria a impressão e acho extremamente importante apresentar aos professores junto com as referências nele contidas. Vai ajudar muito a melhorar a qualidade do meu trabalho em sala de aula. Seria bastante positivo porque me estimula a fazer uma reflexão. Gostaria muito de me aprofundar na questão de pré-demanda, a atuação durante e pós-demanda pois são aspectos importantes da nossa atuação como IE **(IE01)**.

Sim eu acharia muito relevante e eu iria sim fazer uso dele exatamente para ver como é que eu poderia me mostrar melhor profissionalmente né e tudo que vier para ajudar o nosso trabalho relacionado às interpretações relação com o docente acho que é válido sim **(IE02)**

Trariam um ganho muito grande não só para o surdo, mas para a equipe que atua. Poderíamos até usar esse futuro material numa semana pedagógica ou planejamento ou algum momento em que a gente possa difundir esse material. Com certeza com material iríamos ver o que poderia ser aplicado em nosso contexto na instituição assim como já fizemos com outros materiais anteriores para verificar o que se pode aplicar **(IE03)**.

Com certeza né porque vai melhorar tanto nosso trabalho mais conhecimento né da área que ele está buscando isso tanto a atuação dos intérpretes como o trabalho do professor também né, isso é ajudar o aluno a

ter maior conhecimento da área que escolheu e ajudar ele a se formar né com certeza eu ia usar assim né melhor na minha atuação. Muito obrigado. (IE04).

Os interlocutores mencionaram da aceitabilidade de um produto uma espécie de cartilha que trouxesse orientações para estimular as práticas educativas entre os IE e os docentes. Orientações que pudessem abranger aspectos como a questão da pré-demanda, atuação durante a aula de aula e o pós-demanda. São assuntos pertinentes justamente porque a atuação do IE nunca deve ser vista sozinha, mas sempre em parceria com o docente. Por isso essas instruções teriam o fito de orientar o intérprete a como atuar com o docente. Esse produto teria que possuir uma materialidade para os IE numa espécie de cartilha, enquanto para os docentes seria numa materialidade como uma série de vídeos curtos, uma vez que seria um formato mais adequado para os docentes se apropriarem das informações que necessitam saber sobre como atuar junto com o IE.

#### Perspectiva Docente

Categoria - 4.0 - Produto Educacional

Subcategoria - 4.2 Direcionado ao Docente

Sim e vou até mais além, as instituições podem absorver esse produto e repassar esse produto em informação continuada porque é isso que precisamos. Formação continuada e também, monitoramento dos setores pedagógicos para saber se aquilo que foi dado na formação está realmente sendo realizado porque existe às vezes a questão da resistência (D01).

O interlocutor mencionou que um produto educacional voltado para os docentes em que abordasse instruções sobre como trabalhar com o IE seria muito bem-vindo. Essa na realidade é uma necessidade cada vez maior nas instituições de ensino por conta do aumento das matrículas de alunos surdos que demandam a inserção de IE em sala de aula.

Muitos docentes desconhecem ainda a realidade surda e conseqüentemente quem é o IE e isso acaba se tornando uma barreira para a atuação do IE. Nessas circunstâncias um produto educacional na forma de uma série de vídeos poderia ser

utilizado como uma fonte de consulta ou formação contínua para os docentes.

## 5 O PRODUTO EDUCACIONAL - RECOMENDAÇÕES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES DE LIBRAS

O PE ‘Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes de educacionais’ reúne recomendações de práticas que favorecem a interação entre docente e os intérpretes educacionais, por conta disso ele possui esses dois protagonistas como público-alvo, a saber, docentes e intérpretes educacionais.

Dessa forma o PE se desdobra em duas materialidades. Aos docentes o produto se adequa no formato de uma série de sete vídeos conforme se observa na Figura 3 e no Quadro 14 abaixo:

Figura 3 - Captura da série de vídeos destinados aos docentes



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Quadro 14 - Roteiro de vídeos do PE

Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. Recomendações para o docente		
	Tema	Duração
Vídeo 01	Apresentação	(00:02:10)
Vídeo 02	Objetivos e a relação com a politécnica.	(00:04:20)
Vídeo 03	O aluno surdo e a Libras	(00:05:36)
Vídeo 04	O intérprete educacional	(00:04:54)
Vídeo 05	Contato prévio do docente com o intérprete educacional.	(00:07:40)
Vídeo 06	Atuação entre docente e intérprete educacional	(00:06:18)

	durante a aula	
Vídeo 07	Feedback pós-atuação sala de aula	(00:02:57)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

A tabela acima mostra o tema dos vídeos e duração deles. Estão disponibilizados neste *link* ([clique aqui](#)) no *Youtube*.

Quanto aos intérpretes educacionais o PE “Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. Orientações para o intérprete” assume a forma de uma cartilha conforme se observa na Figura 4 e no Quadro 15 abaixo:



Figura 4 - PE para IE



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Quadro 15 - Sumário do PE para IE Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. Recomendações para o intérprete.	
Formato Cartilha	SUMÁRIO
01	A relação com a politecnia
02	Contato prévio do docente com o IE.
03	Atuação entre docente e intérprete educacional durante a aula
04	<i>Feedback</i> pós-atuação sala de aula
05	A atuação em equipe
06	Banco de dados
07	Subsídios externos
08	Considerações finais.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

O PE foi desenvolvido levando em consideração os aspectos levantados na análise de dados apontados entre os interlocutores. Além disso, o PE tem o intuito de apenas fornecer sugestões de práticas educativas que possam favorecer a relação entre docentes e intérpretes de Libras. Sabe-se que cada contexto é único e exclusivo e provavelmente algumas sugestões poderão ser aplicadas e outras não.

Após a montagem e finalização do produto educacional foi realizada a validação pelos interlocutores que participaram das entrevistas mediante o preenchimento de um formulário pelo Google Forms. Abaixo segue o formulário com as respostas coletadas.

Resposta do formulário referente ao produto educacional em vídeo direcionado aos docentes:

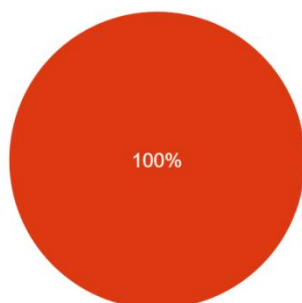
(01) O conteúdo abordado no Produto Educacional (PE) mostrou ser relevante para sua atuação?

1 resposta



(02) As informações estão claras e de fácil compreensão?

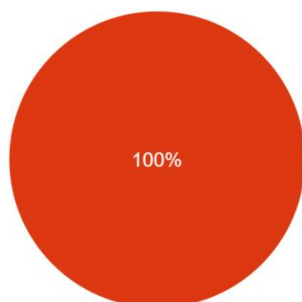
1 resposta



- Concordo totalmente.
- Concordo.
- Indiferente.
- Discordo.
- Discordo totalmente.

(03) O aspecto visual e a edição se mostraram organizados e atraentes?

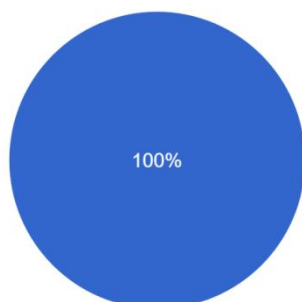
1 resposta



- Concordo totalmente.
- Concordo.
- Indiferente.
- Discordo.
- Discordo totalmente.

(04) O Produto Educacional (PE) mostrou ser de uso intuitivo?

1 resposta



- Concordo totalmente.
- Concordo.
- Indiferente.
- Discordo.
- Discordo totalmente.

(05) O Produto Educacional (PE) contribuiu/contribuirá para a sua atuação?

1 resposta



(06) Você recomendaria este Produto educacional (PE) para outros colegas docentes?

1 resposta



(07) Fique à vontade para colocar seu elogio, sugestão e/ou crítica que você considera pertinente para a melhoria deste Produto Educacional (PE)

1 resposta

EDIÇÃO NOS ASPECTOS: Melhorar áudio em algumas partes do vídeo; utilizar tela frontal para evitar olhar para baixo; dicção mais pausada e com destaque de tonalidade de voz em alguns trechos; uso de mais legendas nos trechos orientativos; evitar maneirismos, produção de vídeo com características mais profissionais, com inclusão de mais imagens e pequenos vídeos paralelos à fala que dinamizam o produto.

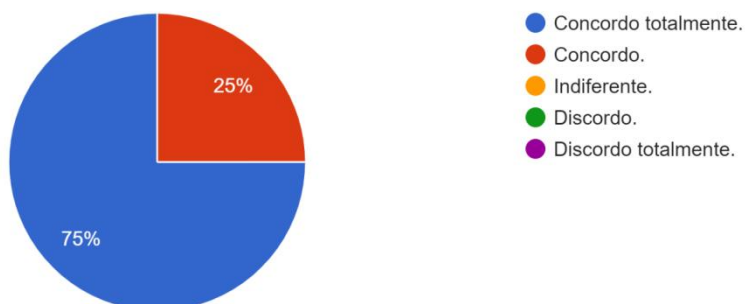
Após verificar o formulário acima direcionado ao docente observa-se que o PE traz consigo as expertises que se desdobram em práticas educativas necessárias para a atuação do docente com o IE. Deve-se levar em conta também as sugestões

de melhoria na parte gráfica e de edição sugeridas pelo D01 que serão executadas posteriormente.

Resposta do formulário referente ao produto educacional em vídeo direcionado aos intérpretes educacionais:

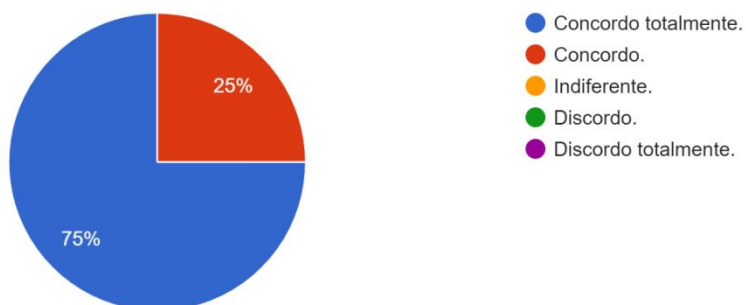
(01) O conteúdo abordado no Produto Educacional (PE) mostrou ser relevante para sua atuação?

4 respostas



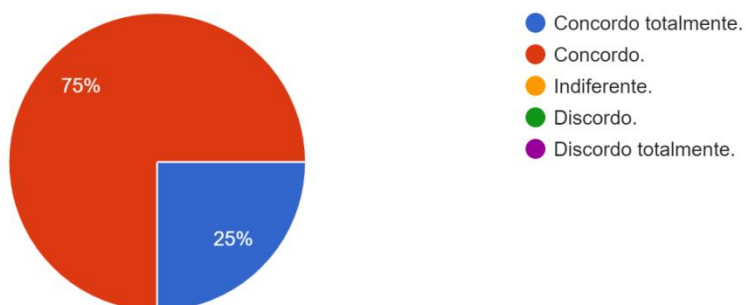
(02) As informações estão claras e de fácil compreensão?

4 respostas



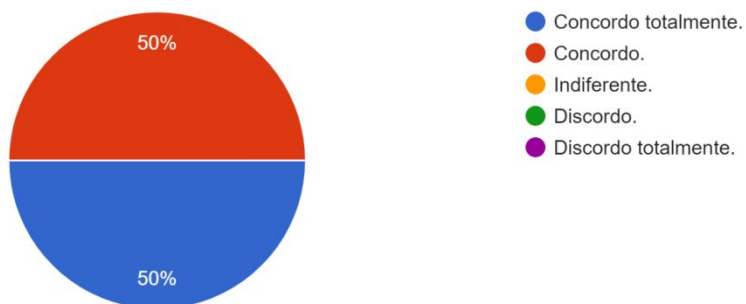
(03) O aspecto visual e a edição se mostraram organizados e atraentes?

4 respostas



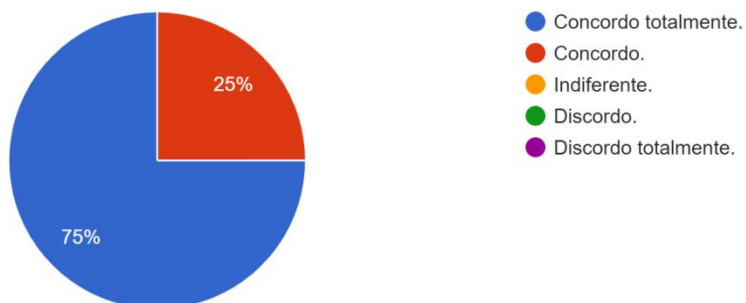
(04) O Produto Educacional (PE) mostrou ser de uso intuitivo?

4 respostas



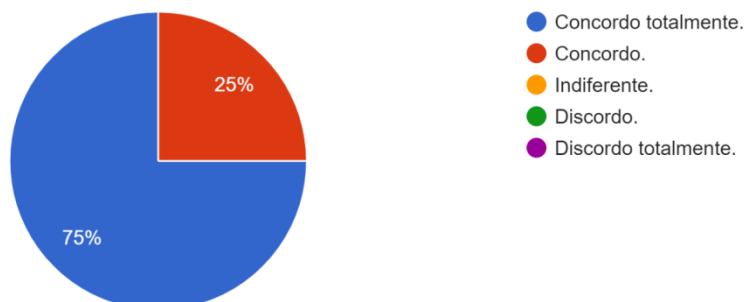
(05) O Produto Educacional (PE) contribuiu/contribuirá para a sua atuação?

4 respostas



(06) Você recomendaria este Produto educacional (PE) para outros colegas intérpretes educacionais?

4 respostas



(07) Fique à vontade para colocar seu elogio, sugestão e/ou crítica que você considera pertinente para a melhoria deste Produto Educacional (PE) 4 respostas

Parabenizo a iniciativa, visto que criar esse tipo de cartilha envolve muitos pormenores, mesmo assim o material produzido é de grande relevância para atuação dos profissionais IE e docentes, além disso pode ser considerado como um ponto de partida para o desenvolvimento de melhores práticas ou quem sabe de uma atualização nas atribuições dos profissionais envolvidos. Um ponto que gostaria de ressaltar é que ao envolver uma dinâmica IE e docente, poderia ser pensado também no diálogo com pedagogos e/ou equipe multiprofissional, visto que esses também terão que pensar adaptações para tratar com alunos surdos.

O Produto Educacional "Recomendações de práticas educativas entre docentes e intérpretes educacionais. Orientações para o intérprete", irá contribuir de forma significativa na minha atuação profissional como intérprete. A apresentação do conteúdo está de forma clara e acessível facilitando muito o acesso a informações, como livros e sites de pesquisas de terminologias que são muito pesquisados na prática profissional do dia a dia do intérprete de Libras, as imagens estão excelentes. É um produto que usarei como instrumento de orientações constantemente na minha atuação profissional e estudos de referência. Parabéns Adriano, pelo excelente trabalho.

Gostei muito do material e fico feliz que produziram este material que busca melhorar a relação entre professor e intérprete.

Produto bem desenvolvido pensando em nossa prática profissional

Nota-se após verificar formulário acima direcionado aos intérpretes educacionais participantes da pesquisa que o PE traz consigo as expertises que se desdobram em práticas educativas necessárias para a atuação do docente com o IE. Muitas dessas expertises podem ser implementadas levando em consideração as especificidades de seu local de atuação, o que favorece a atuação do intérprete com o discente em sala de aula. É indispensável levar em conta também as sugestões de melhoria na parte gráfica e de edição sugeridas pelo pelos interlocutores intérpretes que serão desenvolvidas a posteriori.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda pesquisa além de trazer contribuições carrega desafios que muitas das vezes fogem ao controle do pesquisador. Um deles trata-se da ideia inicial de consultar quatro (04) docentes a fim de ficar no mesmo número da amostra dos (04) quatro intérpretes de Libras. No entanto, por conta da questão tempestiva da condução da pesquisa deste programa de mestrado optou-se por escolher apenas (01) docente o que por conseguinte, viabilizou os desdobramentos da pesquisa.

A diversidade enriquece e nos deixa abertos para acolher a todos. Aos atores educacionais esta postura é esperada. Mesmo assim, muitos deles possuem dificuldades em lidar com os alunos surdos.

Muitas das vezes isso decorre do fato de não receberem formação/orientação no momento adequado.

É importante lembrar esse fato pois isso muitas das vezes acaba sendo um dos gargalos da inclusão de alunos surdos. O desconhecimento do docente em relação às especificidades dos alunos surdo e de forma semelhante o desconhecimento do outro profissional que atuará em parceria com o docente, no caso, o IE.

O IE por sua vez inicia a sua atuação que já tem como pressuposto sua preparação passa a se deparar com o seguinte desafio. O desconhecimento do docente sobre sua atuação.

Aos docentes se espera previamente sua preparação das aulas bem como organização de atividades inerentes à docência como a organização da ementa da disciplina, plano de aula, metodologia, didática bem como os insumos que subsidiarão as aulas, a saber, slides, textos digitais ou impressos, vídeos e etc.

Por ser detentor com formação de sua área do conhecimento, ele transita favoravelmente em sua formação por conhecer todos os assuntos/conceitos. Por outro lado, o IE atua nas mais diversas disciplinas ao lado do docente da EPTNM. Isso implica que ele precisa desenvolver juntamente com o docente uma relação que viabilize a atuação de ambos.

O IE transita em todas áreas do conhecimento com diversos docentes sem ser o detentor do saber de todas as diversas áreas a que o aluno surdo é exposto. Com isso em mente é necessário que o IE possa receber condições de realizar sua

atividade de interpretar as informações em sala de aula de forma profissional o que para ser possível depende não somente dele como do docente que o acompanha.

Isso se desdobra numa relação de parceria no sentido de que o docente que é detentor do conhecimento da disciplina em questão precisa favorecer a preparação para a atuação do intérprete que o acompanha.

Uma forma de isso ser atingido é por meio da compreensão sobre quem é o profissional IE incluindo um quadro de suas especificidades.

Esta pesquisa corroborou para confirmar que muitas das vezes que o docente tem esse desconhecimento o que se torna um empecilho para a inclusão de alunos surdos. A perspectiva do aluno surdo nesta pesquisa não foi levada em consideração por conta do tempo de execução da pesquisa do mestrado e foi sugerida para os futuros pesquisadores do programa.

É indispensável o encontro prévio entre docente e intérpretes educacionais pois é um momento para haver diálogos para a proposição de práticas educativas que favoreçam a atuação de ambos. Nesse meio, o docente compreende quem é o IE e isso já dá muitas pistas sobre as alterações que precisam ser realizadas em suas aulas, levar em consideração as especificidades dos alunos surdos e da Libras. Para isso é importante que o docente tenha uma postura aberta para essas informações, se constituindo para ele um novo aprendizado que o impactará positivamente para sua docência.

O docente sempre que possível deve repassar os subsídios de suas aulas por mais simples que sejam pois são indispensáveis para a compreensão do cenário para o qual o IE atuará.

O IE assim como o docente é um constante pesquisador o qual nunca estará numa posição estanque pois sempre efetua estudos com base nas informações que ele possui do componente curricular pelo qual atuará bem como nas características do docente o que é um outro fator pelo qual o IE precisa se atentar. Esta busca por informações é bastante detalhada de acordo com o tempo em que o IE tem disponível. Busca por informações em sites especializados tanto em português quanto em Libras. Uso de vídeos de materiais existentes disponíveis no Youtube realizados por outros intérpretes educacionais e até mesmos docentes que já possuem esta consciência já mais amadurecida. Além disso o IE trabalha sempre realizando uma espécie de banco de dados em que reúne todo o levantamento de suas pesquisas pois serão sempre que possível revisitadas tanto para a inserção de novas informações quanto para a

atualização delas. Sendo necessário uma importante organização pessoal ou da equipe para a utilização dessas informações.

Outro fator indispensável para atuação do intérprete junto ao docente é o trabalho em equipe realizado quando possível entre os intérpretes. Atuam sempre no mínimo de dois, pois enquanto um IE está atuando o outro está atento fornecendo apoio ao colega e ao mesmo tempo realizam o revezamento o que constitui uma prática que resguarda a saúde física e mental dos intérpretes educacionais. Além da organização dos intérpretes em equipe a qual podem fazer um extenso uso de banco de dados que pode ser utilizado por todos sempre que necessário principalmente quando a equipe se deparou novamente em contextos já atuados anteriormente.

Todo esse passo a passo de como o docente deve abordar na reunião com o intérprete bem como o intérprete com o docente além das etapas de atuação durante a aula e pós atendimento de sala de aula foram trazidos no Produto Educacional.

O PE reúne em materialidades adequadas para docentes e intérpretes educacionais diversas sugestões de práticas educativas com o intuito de atenuar os possíveis embaraços para a atuação de ambos profissionais no processo de inclusão de alunos surdos. Em nenhum momento essas práticas são sugeridas como um código que deve ser seguida à risca, uma vez que os contextos podem variar bem como novas pesquisas surgiram e logicamente as informações vão sendo atualizadas.

A contribuição que este PE traz é reunir todo um conjunto de expertises desdobradas em práticas educativas tanto para o docente quanto para o IE para uma rápida e fácil consulta sempre que for necessário. Além de essas informações também transitarem nos demais espaços educativos dentro de uma instituição que recebe alunos surdos.

De certa forma esse PE traz a inovação de deixar mais próximo essas informações e de fácil acesso já com uma série de expertise que muitas das vezes os docentes e intérpretes desenvolvem com o decorrer de muito tempo. Favorece também aos novos docentes e intérpretes que atuam nesse espaço educacional.

Todo o detalhamento ocorreu para fornecer instruções/recomendações que favoreçam a atuação de ambos. Dessa formas ambos atores podem viabilizar a educação de surdos o que os oportuniza de fazerem sua travessia na EPTNM em prol de uma educação inclusiva e Politécnica.



## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo. Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A Estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo. Editora 34, 2015.
- BECKMANN, A. R. **Tapete pedagógico: um recurso didático para introduzir o ensino de ciências e matemática na educação infantil** – Santa Maria :Universidade Franciscana – UFN, 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.
- BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.
- BRASIL. **Lei nº 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).
- BRASIL. **Lei nº 14.704**, de 25 de outubro de 2023. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).
- BUENO, P. **Por que o intérprete de Libras deve fazer revezamento**. 2017. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/por-que-o-int%C3%A9rprete-de-Libras-deve-fazer-revezamento-fernandes/>. Acesso em: 02 abril. 2023
- CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

**Ensino** . Consultado em 03 de maio de 2023. 2020. Disponível em <http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4670-ensino>

CÍNTIA D.; DA ROSA, C. T. W. **Gravação de vídeos curtos; Um guia para inspirar professores da educação básica**. Passo Fundo: EDIUPF, 2022.

DAWSON, K.; FERDIG, R. Commentary: Expanding Notions of Acceptable Research Evidence in Educational Technology: A Response to Schrum et al. *Contemporary Issues in Technology and Teacher Education*, v. 6, n. 1, p. 133-142, 2006.

FEBRAPILS. **Código de Conduta e Ética**. 6 p. 2014. Disponível em: <https://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2022/01/Codigo-de-Conduta-e-Etica.pdf> . Acesso em 6, mai, 2023.

FEBRAPILS. **Tabela de referência de honorários**. 6 p. 2015 Disponível em: <https://ealiscomunicacao.files.wordpress.com/2017/01/tabela-honorarios-febrapils->. Acesso em 6, mai, 2023.

FREIRE, G. G.; ROCHA, Z. F. D. C.; GUERRINI, D. Produtos educacionais do Mestrado Profissional em Ensino da UTFPR–Londrina: estudo preliminar das contribuições. **Revista Polyphonia**, v. 28, n. 2, 2017.

GIORDANI, A. T.; PIRES, P. A. B. F. **Normas editoriais, orientação aos autores: cartilhas**. Editora UENP, 2020.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas. São Paulo:: Alinea, 2001.

HURTADO, A. A.; GOMES, L. T.; DANTAS, M. P. Competência tradutória e formação por competências. **Cadernos de tradução**, v. 40, n. 1, p. 367-416, 2020.

KELSEN, H. **Teoria Pura do Direito**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEBEDEFF, T. B. **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Walk Editora, 2017.

LISBOA, M. N. A. **Educação matemática no caminho da inclusão: Percepção docente na prática com alunos surdos**. 2019. 137f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática - PPGECEM) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

MACHADO, L. R. S. Politecnia, **Escola Unitária e Trabalho**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1989.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina - PGET) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, 2003. p. 217-226.

PUGLIA, D. B. **Educação profissional e tecnológica: história, conceitos e práticas**. Belo Horizonte : Instituto Federal de Minas Gerais, 2021.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAMOS, M. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias, v. 8, 2008.

RIBEIRO, B. **Roteiro de vídeo: dicas e técnicas para montar o seu**. 2023. Disponível em: <https://netshow.me/blog/roteiro-de-video> ,. Acesso em 12 abril de 2023.

RODRIGUES, S. M. **Professores de língua portuguesa e alunos surdos do ensino médio integrado do IFAM/CMC: considerações acerca do processo inclusivo**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2020.

ROQUE, M.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva / 3. ed. rev. e ampl.** – Ijuí : Ed. Unijuí, 2016. 264 p.

ROQUE, M.; SOUZA, R. S. **Análise textual discursiva: Uma ampliação de horizontes**. 3. ed. **rev. e ampl.** – Ijuí : Ed. Unijuí, 2022.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. **Metodologia de Pesquisa**. [S. l.]: Editora Penso, 2013.

SAVIANI, . **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SAVIANI, D. A. **Nova Lei da Educação: LDB – trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, D. Em defesa do projeto de formação humana integral para a classe trabalhadora. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 1, n. 22, p. e13666, 2022. DOI: 10.15628/rbept.2022.13666. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/13666>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SAVIANI, D. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, educação e saúde**, v. 1, p. 131-152, 2003.

SANTIAGO, V. A. A. **Tradução e Interpretação de e para Libras: Um guia para quem quer contratar serviços de tradução e interpretação de Libras - língua brasileira de sinais**. São Paulo, FEBRAPILS; ABRATES – SINTRA – Instituto Singularidades, 2016.

SANTOS, L. F. **Práticas do intérprete de Libras no espaço educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2020.

SIDDAWAY, A. P.; WOOD, A. M.; HEDGES, L. V. How to do a systematic review: a best practice guide for conducting and reporting narrative reviews, meta-analyses, and metasyntheses. **Annual Review of Psychology**, v. 70, n. 1, p. 747–770, 2019.

VIVEROS, R. S.; Klüber, T.; ZILLY, A.; SILVA-SOBRINHO, R. A. Por que Ensino e Educação são áreas diferentes de pesquisa no contexto CAPES/Brasil. **Indagatio Didactica**, v. 12, n. 5, p. 119-138, 2020.



**APÊNDICE A – ROTEIRO: QUESTIONÁRIO AVALIATIVO DO PRODUTO EDUCACIONAL (PE)**

1 - O conteúdo abordado no Produto Educacional (PE) mostrou ser relevante para a sua atuação?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

2 - As informações estão claras e de fácil compreensão?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

3 - O aspecto visual e a edição se mostram organizados e atraentes?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

4 - PE mostrou ser de uso intuitivo?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

5 - O PE contribuiu/contribuirá para a sua atuação?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

6 - Você recomendaria este PE para os seus pares que atuam no mesmo contexto?

Concordo totalmente ( )

Concordo ( )

Indiferente ( )

Discordo ( )

Discordo Totalmente ( )

7 - Fique à vontade para colocar seu elogio, sugestão e/ou crítica que você considera pertinente para a melhoria deste PE

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A VALIDAÇÃO DO PRODUTO  
EDUCACIONAL**

ROTEIRO DIRECIONADO AO DOCENTE	
Bloco 01	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual sua idade?</li> <li>2. Qual sua formação?</li> <li>3. Sua formação como licenciado influencia na sua atuação em sala com intérprete de Libras, surdez, língua de sinais?</li> <li>4. Em sua formação inicial você se recorda de ter estudado conteúdos sobre as especificidades dos alunos surdos?</li> <li>5. Em sua formação inicial você se recorda de ter estudado conteúdos sobre as especificidades Libras?</li> <li>6. Em sua formação inicial você se recorda de ter estudado conteúdos sobre ministrar aulas para alunos surdos?</li> <li>7. Em sua formação inicial você se recorda de ter estudado sobre como atuar com intérprete de Libras?</li> <li>8. Você conhece o aspecto legislativo da inserção de intérpretes em turmas com alunos surdos? O que você se recorda? Saber isso influencia na sua atuação com o intérprete? Como você usa para dar suporte a sua atuação?</li> <li>9. Há quanto tempo você atua em sala de aula com intérprete de Libras e aluno surdo?</li> <li>10. Ao descobrir que você teria um aluno surdo e intérprete em sua turma, que medidas você tomou?</li> <li>11. Você recebeu algum suporte da instituição?</li> </ol>
Bloco 02	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conte sobre como tem sido sua experiência ao atuar com intérprete de Libras?</li> <li>2. Você compreende como atua um intérprete de Libras em sala de aula?</li> <li>3. O que você poderia fazer para contribuir para a atuação do intérprete de Libras?</li> <li>4. Você compreende como ocorre o esforço cognitivo decorrente da atuação de um intérprete de Libras?</li> <li>5. Você costuma repassar os conteúdos com o intérprete de Libras?</li> <li>6. Você acha essencial compartilhar os conteúdos previamente e porque você pensa assim?</li> <li>7. Você acredita que a todo momento o tempo todo o intérprete consegue realizar a interpretação dos conteúdos que você ministra?</li> <li>8. Como você encara a possível interrupção por algo externo de um intérprete para que ele possa logo após retornar sua atividade de interpretação?</li> <li>9. Você costuma fazer um auto-monitoramento para verificar se sua atuação está em consonância com a do intérprete em sala de aula?</li> </ol>

	<ol style="list-style-type: none"> <li>10. Você costuma consultar o IE sobre a adaptação de algum recurso a ser utilizado em sala de aula?</li> <li>11. Alguma vez após essa consulta consegue se recordar do que você modificou?</li> <li>12. Como você encara o fato do intérprete não atuar sozinho em suas aulas e porque? Você acredita que faz diferença ele atuar sozinho ou em equipe em sala de aula?</li> <li>13. Que medidas você costuma tomar para contribuir para a atuação do intérprete de Libras com você?</li> </ol>
Bloco 03	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você costuma ao término da aula verificar se o intérprete tem algo a destacar sobre sua interação com ele ou você mesmo procura um feedback?</li> <li>2. Você considera relevante se reunir com o intérprete antes/após sua atuação?</li> <li>3. Você acha que se fosse melhor orientado (formação/curso/) em sua formação inicial ou logo após saber que da presença de um intérprete e aluno surdo em sua aula, haveria algum impacto na sua experiência nesse contexto?</li> <li>4. Se houvesse um produto recurso/produto educacional voltado para os docentes que abordasse sobre as especificidades da Libras, dos sujeitos surdos e sobre o intérprete de Libras você acharia relevante e iria fazer uso?</li> </ol>
<b>ROTEIRO DIRECIONADO AOS INTÉRPRETES DE LIBRAS</b>	
Bloco 01	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual sua idade?</li> <li>2. Qual sua formação?</li> <li>3. Há quanto tempo você atua como IE?</li> <li>4. Em sua formação inicial você recebeu algum conteúdo sobre técnicas de tradução e interpretação?</li> <li>5. Em sua formação inicial você recebeu algum conteúdo sobre trabalho em equipe?</li> <li>6. Em sua formação inicial você recebeu algum conteúdo sobre pré-demanda e pós-demanda de atuação em sala de aula?</li> <li>7. Em sua formação inicial você recebeu algum conteúdo sobre como atuar em conjunto com o docente?</li> <li>8. Você conhece o aspecto legislativo de sua atuação (EX:Leis, Decretos)? Saber isso influencia sua atuação? Como você usa para dar suporte a sua atuação?</li> <li>9. Você recebeu algum suporte em sua instituição sobre esses aspectos mencionados anteriormente?</li> <li>10. Se não, como você conseguiu sanar as lacunas sobre estes aspectos?</li> </ol>
Bloco 2	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conte sobre como tem sido sua experiência ao atuar com docente em sala de aula?</li> <li>2. Antes de sua atuação em determinada disciplina você realiza</li> </ol>

	<p>uma reunião prévia com o docente sobre alinhamentos de sua atuação e a dele?</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>3. Sobre o que você aborda nessa reunião?</li> <li>4. Você tem tempo de preparação?</li> <li>5. Você realiza a preparação antes de sua atuação em sala de aula e se sim como você faz isso?</li> <li>6. Você solicita o material dos docentes que você atua? E nesse caso, que tipo de material?</li> <li>7. O que você faz quando você não recebe o material prévio da aula por algum motivo?</li> <li>8. Já aconteceu de alguma sugestão sua modificar algum recurso de uma determinada aula? Como o docente reagiu?</li> <li>9. Você atua sozinho ou em dupla?</li> <li>10. Você realiza trocas com outros intérpretes e de que forma?</li> <li>11. Faz diferença para você atuar em dupla/equipe?</li> <li>12. Caso você atue em dupla como você ou recebe ou fornece apoio?</li> <li>13. O que você faz quando durante a aula não compreende algo para interpretar devido a algum fator externo?</li> </ol>
Bloco 3	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você costuma fazer pós-demanda com o docente da disciplina? Se sim, o que você aborda? Você se recorda de alguma coisa em específico?</li> <li>2. Você considera relevante se reunir com o docente antes/após sua atuação?</li> <li>3. Você costuma fazer algum tipo de registro/documentação das suas atuações?</li> <li>4. Você acha que se fosse melhor orientado em sua formação inicial sobre técnicas de tradução, trabalho em equipe, pré e pós demandas e a os aspectos que envolvem a atuação com docente você teria uma trajetória diferente e porquê?</li> <li>5. Se houvesse um produto recurso/produto educacional voltado para os intérpretes educacionais que abordasse sobre os aspectos sobre como atuar com o docente, preparação pré-demanda pós-demanda, como abordar um docente sobre alinhamentos de sua atuação com ele, trabalho em equipe você acharia relevante e iria fazer uso dele ?</li> </ol>



## **APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

### **BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.**

Prezado (a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa “IMPLICAÇÕES RESULTANTES DA RELAÇÃO ENTRE DOCENTES E INTÉRPRETES EDUCACIONAIS”, a ser realizada no Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia do Amazonas – IFAM, Campus Manaus Centro. Você fará parte do grupo dos intérpretes de Libras que serão analisados. A presente pesquisa objetiva avaliar que práticas educativas podem ser implementadas na articulação/relação entre docentes e intérpretes de Libras em sala de aula. Para esse intuito, contará com o desenvolvimento de um produto educacional (PE) que possuirá duas materialidades, a saber, uma cartilha destinada a você, intérprete de Libras, e uma série de vídeos de curta duração direcionada aos docentes, ambas com recomendações de práticas educativas a fim de favorecer a atuação entre esses dois atores educacionais.

Sinalizamos que a vossa participação é de grande importância, e uma vez aceita, se dará por meio de entrevista presencial bem como respostas a um questionário impresso, envolvendo única e exclusivamente temáticas sobre a atuação e implicações decorrentes da relação entre docentes e intérpretes de Libras. Esclarecemos ainda que as entrevistas terão captação apenas de áudio e devidamente resguardadas e serão realizadas em ambiente apropriado, dentro das dependências físicas da própria instituição de ensino, em horário previamente acordado entre as partes, apenas uma vez, com tempo máximo de 60 min (sessenta minutos) para cada entrevistado (a), e posteriormente, apenas uma vez, responder a um questionário o qual levará 20 min (vinte minutos) para ser respondido.

Contudo, a divulgação dos resultados se dará por meio da dissertação, de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado (a) por sua participação.

Garantimos, no entanto, que todas as despesas resultantes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e oriundas especificamente de sua participação.

Dentro do contexto da desta pesquisa temos que os benefícios esperados são os de oferecer recomendações de práticas educativas aos docentes e intérpretes de Libras a fim de que ambos possam atuar em parceria harmônica. Consequentemente as informações repassadas em sala de aula por meio das práticas educativas entre docentes e intérpretes de Libras alcançarão as especificidades dos alunos surdos. Assim sendo, esses conseguirão realizar sua trajetória no ensino médio integrado (EMI) de forma inclusiva e obtendo uma formação Politécnica.

Quanto aos riscos, o ato de adesão à pesquisa e as circunstâncias que envolvem os sujeitos, poderão resultar em risco profissional que ao evidenciá-lo poderá sujeitá-los a alguma espécie de estigmatização, como: constrangimento, desconforto e julgamentos subjetivos e, ainda o ambiente de aplicação da entrevista pode apresentar desconforto ou exposição dos participantes causando-lhes incômodo em relação ao seu fazer profissional. Quanto a entrevista e o questionário podem causar invasão de privacidade, exposição a questões sensíveis. Nesses casos supracitados serão adotadas algumas medidas para prosseguir ou interromper com a adesão, tais como: usar linguagem acessível, deixando claro o porquê das questões e os objetivos da investigação, será garantido um local reservado e a liberdade para responder questões constrangedoras bem como a não violação e a integridade

dos documentos danos físicos, cópias e rasuras). Adicionalmente serão garantidas a confidencialidade e a privacidade e não estigmatização.

Para tanto, todos os envolvidos receberão uma cópia digital de todos os produtos oriundos desta pesquisa: (1) dissertação; (2) produto educacional; (3) uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelo pesquisador e pesquisado. No mais, esclarecemos que a qualquer momento poderão deixar de participar da pesquisa levando consigo todo o material produzido, sem nenhum ônus de qualquer natureza.

Caso tenha qualquer dúvida ou necessite de maiores esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas poderá contatar o, Adriano Brito Feitoza, endereço residencial, rua Cristo Rei, no 151. Bairro Coroadó 3, Manaus-AM, telefone (92) 98114-1448, e-mail: adrianobritofeitoza1986@gmail.com, pesquisador responsável, orientado pela professora Dra. Maria Francisca Moraes de Lima, endereço profissional Av. Sete de setembro, 1975, Centro, telefone (92) 99128-4293, e-mail: francisca.lima@ifam.edu.br.

No caso de não conseguir contatar os pesquisadores ou para o esclarecimento de outras dúvidas poderá entrar em contato com o Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas (CEP n. 1037/2009), instalado no endereço: Rua Ferreira pena, 1109 Centro – Prédio da Reitoria, 2o andar, Manaus- Am. Telefone: (92) 3306-0060. E-mail: cepsh.ppgi@ifam.edu.br. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante da pesquisa

---

Adriano Brito Feitoza  
Pesquisador responsável  
(RG 1833256-0. SSP-AM)